

Hortifruti **Brasil**

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 13 - Nº 143 - Março de 2015 - ISSN 1981-1837

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortifruti

MÃO DE OBRA RURAL

COMO PRODUTORES VÊM GERENCIANDO
A MÃO DE OBRA EM TEMPOS DE POUCA
DISPONIBILIDADE DE TRABALHADORES
E SALÁRIOS EM ALTA?

Tomate protegido
por muito tempo
em uma só aplicação.
Se você acha impossível,
está na hora
de conhecer Durivo®.

**Aumente suas expectativas.
Com Durivo®, você pode mais.**

Chegou Durivo®, o inseticida da Syngenta que elimina as pragas em apenas uma aplicação no solo durante a fase do plantio. Assim, ele protege a sua lavoura e prepara o seu tomate para um crescimento saudável durante todo o seu ciclo de desenvolvimento. Se você quer aumentar suas expectativas com as colheitas, use Durivo®.

**PRONTO
PARA USAR**

Restrição de uso no Estado do Paraná. Consulte a bula do produto Informe-sa sobre e realize o manejo integrado de pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na caixa. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.syngenta.com.br



 **Durivo**[®]

syngenta.

TM

O PESO DA MÃO DE OBRA NO SETOR HORTIFRUTÍCOLA



João Paulo Deleo (esq.) e Felipe Cardoso são os organizadores da matéria sobre mão de obra, e contaram com a contribuição da equipe Hortifruti Brasil.

A mão de obra tem se tornado escassa e cara em todas as atividades agrícolas. Para entender como a hortifruticultura está administrando seu contingente de trabalhadores em tempos de salários em ascensão, endurecimento da legislação e baixa disponibilidade de pessoas para o campo, a **Hortifruti Brasil** entrevistou produtores e consultores dos 13 setores de frutas e hortaliças que pesquisa continuamente. Esses profissionais falaram sobre as dificuldades que enfrentam e as estratégias que têm adotado para estimular a produtividade da mão de obra. Além disso, a equipe **Hortifruti Brasil** também destaca quanto o gasto médio com pessoal representa nas despesas do setor de frutas e hortaliças. Esses dados e as opiniões dos entrevistados podem ser conferidos ao longo da *Matéria de Capa* dedicada à mão de obra no setor, a partir da página 10.

As oportunidades de trabalho nos centros urbanos têm acirrado a concorrência pelos trabalhadores que, em geral, sentem-se mais atraídos pelas condições oferecidas nas cidades. No caso dos jovens, essa atração é ainda maior. O assunto é um dos discutidos pelos entrevistados desta edição. O senhor Roberto Kobori, produtor de bananas no Vale do Ribeira (SP), por exemplo, diz que a atividade já sofre há tempos com a falta de mão de obra e que, lá, onde há predomínio da estrutura familiar de produção, a saída dos jovens é bastante sentida, havendo um envelhecimento das famílias no campo. Quem reforça essa tese é a produtora de folhosas

Eliana Tomita, também entrevistada nesta edição, dizendo que, realmente, “as gerações mais jovens estão buscando trabalho na cidade”.

Outro desafio enfrentado pelos produtores rurais é o reajuste dos salários. Os pagamentos no campo são, tradicionalmente, atrelados ao salário mínimo e este, por lei, tem sido reajustado acima da inflação. Neste sentido, a atividade agrícola tem de gerar renda suficiente para cobrir esses avanços, caso contrário, se inviabiliza.

Mas, para além desses aspectos, o que mais tem pesado é a legislação trabalhista, pouco adaptada à sazonalidade do campo. Os entrevistados foram unânimes quanto à necessidade de adequação da lei trabalhista à realidade rural, o que, porém, não significa redução de direitos. Também no campo, o trabalhador tem conseguido melhorar sua renda e condições de vida, conquistas que devem ser apoiadas por todos no setor de frutas e hortaliças.

Diante dos desafios elencados, há também uma lista de ações convergentes no sentido de se elevar a produtividade da mão de obra. Destaca-se o pagamento conforme o desempenho individual ou em equipe (concessão de bônus ou benefícios aos que atingem/superam metas) e a adoção de medidas que facilitem o trabalho e a mecanização das tarefas tanto quanto possível. Entre essas medidas, estão também treinamentos, incentivos para a continuidade dos estudos e instalações/transportes que proporcionem bem-estar ao trabalhador. Mas, cada setor tem sua realidade particular e, por isso, fizemos questão em convidar representantes das 13 frutas e hortaliças do nosso atual portfólio de pesquisa para expressar suas opiniões.

Ainda nesta edição, os analistas de mercado da equipe da **Hortifruti Brasil** apresentam os impactos do clima na produção hortifrutícola apurados com nossos colaboradores, além dos últimos acontecimentos do mercado. Confira a partir da página 26! E a seção *Radar HF* rendeu assunto neste mês: tem mais informações sobre a falta de água e medidas que alguns setores têm tomado para otimizar seu uso, o impacto da greve dos caminhoneiros no setor e até mamão sem semente! Leia mais na página 8.

Boa leitura!

22^a HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura Cultivo Protegido e Culturas Intensivas



17 a 19 de junho 2015

de quarta a sexta-feira das 9 às 19 horas

Holambra - SP

Organização

RBB
PROMOÇÕES E EVENTOS

Capacitação



Patrocínio



Apoio



Passag. e Hosped.



www.hortitec.com.br

Informações: Tel/Fax: (19) 3802 4196 | E-mail: info@hortitec.com.br | Site: www.hortitec.com.br
Local: Parque da Exposição | Al. Maurício de Nassau, 625 - Holambra - SP | Rod. Campinas/Mog. Mirim, km 340
Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802 2234 | hortec@hortec.com.br | Site: www.hortec.com.br

OPINIÃO



Qual a melhor época para se vender HF?

Concordo com o calendário da *Matéria de Capa*. As chuvas e o calor também interferem na oferta e qualidade. Para fugir dos preços baixos, sugiro o investimento em cronograma para se ofertar quando se tem pouca produção e também a utilização de câmaras de armazenamento para se possa regular e conservar os produtos com melhor qualidade nos

principais centros consumidores.

Flávio Irokawa – Itapetininga/SP



Qual seu planejamento para 2015?

Em 2015, pretendo investir em colheita mecanizada para a cebola. Está extremamente difícil encontrar mão de obra na região de Ituporanga (SC), sem contar as leis trabalhistas muito rígidas. Vejo incertezas no crescimento econômico neste ano, pois as análises dos especialistas preveem um crescimento muito baixo para o País e não deverá ser diferente na hortifruticultura.

Jelson Gesser – Aurora/SC

CAPA 10



A *Hortifruti Brasil* avaliou o peso da mão de obra na produção e entrevistou produtores, consultores e engenheiros agrônomos do setor de frutas e hortaliças, questionando os desafios e oportunidades da gestão da mão de obra rural. Leia o estudo completo a partir da página 10.

SEÇÕES

FOLHOSAS  **26**

TOMATE  **28**

CEBOLA  **30**

BATATA  **32**

CENOURA  **33**

MELANCIA  **34**

CITROS  **36**

MELÃO  **37**

BANANA  **38**

MANGA  **39**

UVA  **40**

MAMÃO  **41**

MAÇÃ  **42**

EXPEDIENTE

A *Hortifruti Brasil* é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Delele, Renata Pozelli Sabio, Leticia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:
Daiana Braga, Alessandra da Paz e Flávia Romanelli

Equipe Técnica:
Amanda Ribeiro de Andrade, Ana Luisa Antonio Pacheco, Carolina Camargo Nogueira Sales, Erika Nunes Duarte, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Flávia Noronha do Nascimento, Gabriela Boscarol Rasesa, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo, Mariana Coutinho Silva, Marília de Paula Stranghetti, Patricia Geneseli e Tárkic Canaan Thomé Tanus.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829

hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista *Hortifruti Brasil* pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

HF BRASIL NA INTERNET
Acesse a versão on-line da *Hortifruti Brasil* no site:
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil
@hfbrasil
@hfbrasil
@revistahortifrutibrasil
hortifrutibrasil.blogspot.com

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Quero investir em máquinas e tratamentos culturais para oferecer mais qualidade à minha produção de banana. Porém, com o aumento dos preços dos combustíveis, insumos, dólar e mão de obra, fica um pouco arriscado fazer grandes investimentos.

Fernando – Corupá/SC

Deveremos lançar no mercado brasileiro três novas cultivares de macieira em 2015. Os pomares de maçã estão com boa carga de frutos, e o ciclo produtivo, até o momento, está colaborando, não tendo ocorrido fenômenos climáticos graves, como granizo e estiagem.

Frederico Denardi – Caçador/SC



Custo de produção de uva niagara

Os custos de produção da viticultura, principalmente com a sanidade das parreiras, estão cada vez maiores. A preferência do produtor será por variedades que demandem menos custo de produção. Aqui no Rio Grande do Sul, não fazemos o cálculo.

Produzimos, vendemos e sempre sobra um pouco no caixa. Além disso, estamos diversificando: produzimos uva com citros, uva com maçãs etc., nunca ficando em um só produto.

Ivan Alberto Streit – Pareci Novo/RS

Muito boa a edição! O leitor tem oportunidade de conhecer mais sobre a cultura da uva. No intuito de reduzir os custos, cada vez mais os produtores procuram cultivar variedades mais resistentes. Para aumentar o consumo, será preciso um bom trabalho de marketing.

Jurandir Montanher – Nova Londrina/PR

Em termos de qualidade e sabor, a niagara tem possibilidade de competir com outras variedades se os custos forem menores. No entanto, deve se levar em conta a duração pós-colheita. Vejo que os produtores que estão implantando novas lavouras estão aderindo ao sistema "Y", mas parreiras já implantados devem permanecer no mesmo sistema de condução enquanto tiverem vida produtiva. A viticultura precisa investir, além da produção, em armazenagem para atender na entressafra.

Lauri João Marconatto – Rio do Sul/SC

Os custos estão cada vez mais altos, então, se a niagara está perto dos grandes centros consumidores, vai ser mais competitiva. Acho que, daqui para frente, vai aumentar a demanda por vinhos, suco integral, frutas de mesa e também para processamento.

Omero Pessoa – Rio Claro/SP

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Inscrições abertas Garanta sua vaga!

MBA em Agronegócios USP/Esalq Defesa Fitossanitária USP/Esalq

Oficina de Manejo de Plantas Daninhas



MBA

ESALQ/USP - PECEGE

A maior Instituição de ensino da América Latina está com inscrições abertas para seus programas de pós-graduação e cursos de curta duração.

Saiba mais em

www.pecege.esalq.usp.br
Tel: (19) 3377-0937
comunica@pecege.esalq.usp.br
 [mbaesalqusp](#)


Pecege
ESALQ | USP



Apesar de impacto da falta de água, ainda é pequena a mobilização do setor

Por Felipe Vitti e Larissa Gui Pagliuca

Chuvas abaixo da média e calor excessivo podem continuar afetando o setor hortifrutícola em 2015. Apesar disso, a maioria dos produtores ouvidos pela **HF Brasil** diz não ter tomado nenhuma medida para diminuir o consumo de água ou para estocá-la. São poucos os segmentos ou regiões que estão se organizando para melhorar o manejo da água usada na agricultura por conta de uma eventual escassez hídrica. Dos casos identificados pela equipe, alguns merecem destaque. O primeiro é o da região do Vale do São Francisco (BA/PE), onde produtores e outros agentes do setor têm implementado ações, por exemplo, de desassoreamento de canais. Nesse contexto, realizaram no dia 11 de fevereiro, o Fórum Emergencial sobre a Crise Hídrica no Vale, quando foram discutidos os principais impactos da falta de água para a agricultura local e ações para minimizá-los. Outro caso é a movimentação de produtores de banana no Norte de Minas Gerais, como a criação de um comitê político-institucional. Esse comitê reúne os produtores mais tradicionais da região, que ensinam pequenos e médios bananicultores a quantidade ideal de água para a irrigação. Com esse trabalho, os gastos com água e energia poderão ser diminuídos em até 20%, tornando a produção de banana mais sustentável e, conseqüentemente, rentável. O comitê atua nas regiões dos projetos Jaíba (Norte de Minas) e Gortuba (Janaúba). Produtores de folhosas de SP também têm se unido para se capacitarem e otimizar o uso da água. Mais informações sobre as ações dos produtores você pode ver na Seção de folhosas na página 26. Diante da importância da água para a hortifruticultura, é evidente que o setor precisa se mobilizar mais, e com urgência.



Por ora, bombas não serão lacradas em SP

Por Gabriela Boscarior Rasera

No dia 20 de fevereiro, a Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos do Governo do Estado de São Paulo se reuniu com a Associação dos Produtores e Distribuidores de Hortifrutis do Estado de São Paulo (Aphortesp). No encontro, ficou decidido que, pelo menos por enquanto, o governo não irá lacrar as bombas que agricultores usam para irrigar lavouras do estado. O controle do uso de água será feito como parte das boas práticas de produção, com produtores sendo capacitados a respeito do manejo de irrigação e implementando melhorias contínuas dos sistemas de tubulação e bicos irrigadores; pode haver também substituição do atual sistema de irrigação pelo de gotejamento ou microaspersão (o que pode diminuir 30% do consumo de água) e controle dos horários de irrigação (não seria feita nos picos do calor). Essas medidas já estão sendo adotadas pelos produtores do estado que, na última semana de fevereiro, já passaram por treinamento e conscientização.

Prazo limite para inscrição obrigatória no CAR termina em maio

Por Júlia Garcia



Vai até o dia 06 de maio o prazo para a inscrição no Cadastro Ambiental Rural (CAR). O CAR é um registro eletrônico obrigatório

para todos os imóveis rurais do País. Seu objetivo principal é integrar as informações ambientais do campo. A partir desses registros, será possível a construção de uma base de dados estratégica para o controle, monitoramento e combate ao desmatamento das florestas e demais formas de vegetação nativa. Também poderá ser útil para o planejamento ambiental e econômico dos imóveis rurais. O cadastro é um pré-requisito para que proprietários possam desfrutar de benefícios como crédito agrícola e isenção de impostos para alguns insumos e equipamentos, além de ser o passo inicial para a regularização das Áreas de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal. As inscrições no CAR são gratuitas e devem ser feitas a partir do site do Sicar: www.car.gov.br.



Restaurantes cultivam seus próprios HFs

Por Fernanda Geraldini Palmieri

Cansados de não encontrar hortifrutis com as características desejadas, alguns restaurantes começaram a cultivar seus próprios vegetais. Segundo notícia veiculada no portal *Fresh Plaza*, restaurantes da Argentina já vêm cultivando sua própria horta. Com isso, conseguem produtos mais saborosos, colhendo no período ideal de maturação, além de saberem exatamente o que foi usado durante sua produção. O aumento da procura por alimentos saudáveis também tem motivado essa prática. Restaurantes orgânicos, vegetarianos, *gourmets* etc., também vêm integrando às suas operações o cultivo de alguns produtos. Inicialmente, os *chefs* visitavam as fazendas à procura dos melhores produtos, mas, recentemente, restaurantes têm preferido trazer as fazendas aos *chefs*. Os cozinheiros, por sua vez, adoraram a ideia, e consideram a proximidade com o campo uma "terapia", amenizando os efeitos da correria do dia-a-dia.



Greve dos caminhoneiros dificulta abastecimento de HF em todo País

Por Daiana Braga

Não temos como deixar de mencionar a greve dos caminhoneiros ocorrida na segunda quinzena de fevereiro, que afetou diretamente o abastecimento de HF em todo o País. Os protestos ocorreram em vários estados, principalmente nos do Sul. Em São Paulo, os manifestantes chegaram até a bloquear o acesso ao porto de Santos, o principal do País. Praticamente todas as culturas acompanhadas pela **Hortifruti Brasil** tiveram algum impacto dessas manifestações: houve atraso nas entregas e perdas durante o trajeto, o que motivou aumentos significativos dos preços de algumas frutas e hortaliças de um dia para o outro. Com a menor entrada de frutas e hortaliças na capital paulista, atacadistas escoaram os produtos que tinham armazenados nos boxes, mas, ao término da paralisação, o receio era que chegassem volumes consideráveis de mercadorias, causando excedentes de oferta.



Mamão sem sementes? Sim, no lançamento da Fruit Logística 2015

Por Leticia Julião

Entre 04 e 06 de fevereiro, ocorreu, em Berlim (Alemanha), uma das maiores feiras internacionais do setor de frutas, a **Fruit Logística**. Neste ano, o evento contou com 2.700 expositores de 83 países e mais de 65 mil visitantes vindos de 135 países! Muitos colaboradores do projeto Hortifruti/Cepea participaram da Feira e fecharam novos negócios. Alguns deles notaram que boa parte das empresas estrangeiras presentes tem voltado os olhos para o Brasil, querendo exportar mais produtos para nosso País, principalmente depois do embargo russo a produtos alimentícios da Europa e Estados Unidos. Nesta edição da feira, o ganhador do Prêmio de Inovação foi o mamão sem semente – "*Aurora seedless papaya*", da empresa israelense *Aviv Flowers*. Segundo a empresa, os mercados-alvo são a União Europeia, Suíça e Canadá. O segundo colocado no prêmio foi o minitomate chamado de "*Lemoncherry*", da cooperativa da Bélgica BelOrta. Este tomate, além da cor amarela, tem sabor doce e aroma de limão. Além destes, muito outros produtos interessantes foram lançados na feira como: pimenta dedo-de-moça com sabor adocicado e boa vida de prateleira da *Rijk Zwaan*; maçã *Envy™* da Nova Zelândia que, além de ter cor vermelho-rubi, apresenta polpa resistente ao escurecimento – foi criada a partir do cruzamento das variedades *Royal Gala* e *Braeburn*; máquina de descascar mangas italiana, chamada de *PL6M Mango Peeler*, que se adapta ao formato da fruta, evitando desperdícios, e a *baby* berinjela quadrada, da empresa *Alion Vegetables & Fruit* do Chipre. Quer conferir mais? Acesse: <http://www.fruitlogistica.de/en/Press/Spotlight/>

A HF Brasil por aí

A convite da Associação dos Bananicultores do Vale do Ribeira (Abavar), a analista de mercado da **Hortifruti Brasil** Leticia Julião ministrou palestra em Registro (SP), no dia 04 de fevereiro. Nossa equipe foi representada também pelos analistas Júlia Garcia e Lucas Conceição Araújo. Esse evento foi uma grande oportunidade para trocarmos informações com muitos produtores e estreitarmos o relacionamento com a cadeia da banana do Vale do Ribeira.



MÃO DE O

Como produtores vêm gerenciando a mão de obra em tempos

Gerenciar a mão de obra no campo é um desafio e tanto para os produtores! Bem gerenciado, cada trabalhador pode dar importante colaboração para a produtividade e qualidade da hortifruticultura. A gestão eficiente da mão de obra é imprescindível para se lidar com o aumento crescente dos salários, dos encargos trabalhistas e das exigências das normas de segurança do trabalhador. Além disso, com a concorrência das atividades urbanas por mão de obra, o produtor tem que tornar atraente o ambiente de trabalho rural a fim de manter os profissionais mais qualificados ao seu lado. Outra questão é a cultural. Segundo Eliana Tomita, diretora da empresa Tomita Hortaliças, uma das nossas entrevistadas nesta edição, “as gerações mais jovens estão buscando trabalho na cidade”, havendo cada vez menos pessoas interessadas no campo.

Apesar dessa imagem, o trabalhador rural tem conseguido melhorar sua renda e ter maior segurança no campo. Aos gestores da mão de obra, fica clara a necessidade de que as práticas adotadas tenham como base a responsabilidade social, que incluem a melhoria de vida/bem-estar do trabalhador. O grande desafio para o setor produtivo sustentar essas conquistas é o seu custo, que precisaria ser repassado ao preço de venda de modo a manter o negócio rural viável.

Na atividade hortifrutícola, o peso da mão de obra

é bem superior ao envolvido na produção de *commodities*. Segundo apuração da **Hortifruti Brasil**, o valor médio pago no setor de frutas e hortaliças pode variar de R\$ 2.800,00 a R\$ 29.500,00/hectare. Na soja, por exemplo, apesar de também haver diferença conforme a escala e tecnologia adotada, pode-se considerar como parâmetro R\$ 120,00/hectare.

Em geral, a remuneração dos trabalhadores tem subido muito mais que os preços recebidos pelos produtores. Para continuar viabilizando a atividade rural, os produtores têm encontrado alternativas para elevar a produtividade da mão de obra, de modo a dissolver esse aumento dos custos. Para conhecer as estratégias desenvolvidas para a gestão da mão de obra em tempos de salários em ascensão, rigidez na legislação e baixa oferta de trabalhadores, a **Hortifruti Brasil** entrevistou produtores e consultores do setor de frutas e hortaliças. Acompanhe os principais desafios e oportunidades apresentadas por esses profissionais.

O PESO DA MÃO DE OBRA NO SETOR HORTIFRUTÍCOLA

Produto	Gasto médio com mão de obra (R\$/ha)	% Custo da mão de obra no Custo Operacional (*)
Batata	4.060,10	16%
Tomate	16.070,57	28%
Cebola	6.536,00	19%
Cenoura	3.502,13	12%
Laranja (indústria)	2.800,00	27%
Uva Sem Semente	19.340,53	20%
Uva Itália	29.516,57	27%
Uva Niagara	11.727,33	31%

(*) Gasto total com mão de obra na lavoura (incluindo a colheita e excluindo o quadro administrativo da propriedade)

(**) Valor obtido a partir da média do custo apurado pela Hortifruti Brasil em diversas regiões produtoras.

BRA RURAL

de pouca disponibilidade de trabalhadores e salários em alta?

O DESAFIO DE GERAR RECEITA PARA ACOMPANHAR O AUMENTO DOS SALÁRIOS

Em geral, os salários na área rural são fixados com base no salário mínimo. O reajuste do salário mínimo no ano que vem pela frente é baseado na inflação (INPC) acumulada no ano que termina mais o crescimento do PIB no ano anterior. Com esse ganho real garantido por lei, o aumento do salário mínimo superou em 64% a inflação nos últimos 10 anos e em 156% nos últimos 20 anos. Outro custo indireto são os encargos trabalhistas. Somados, representam quase 50% a mais no valor do salário contratado.

Se não bastasse o aumento do custo, o crescimento da economia dos últimos anos diminuiu a disponibilidade de mão de obra, sobretudo a qualificada, para as atividades agrícolas, contribuindo também para o aumento dos salários necessários para se reterem profissionais diferenciados.

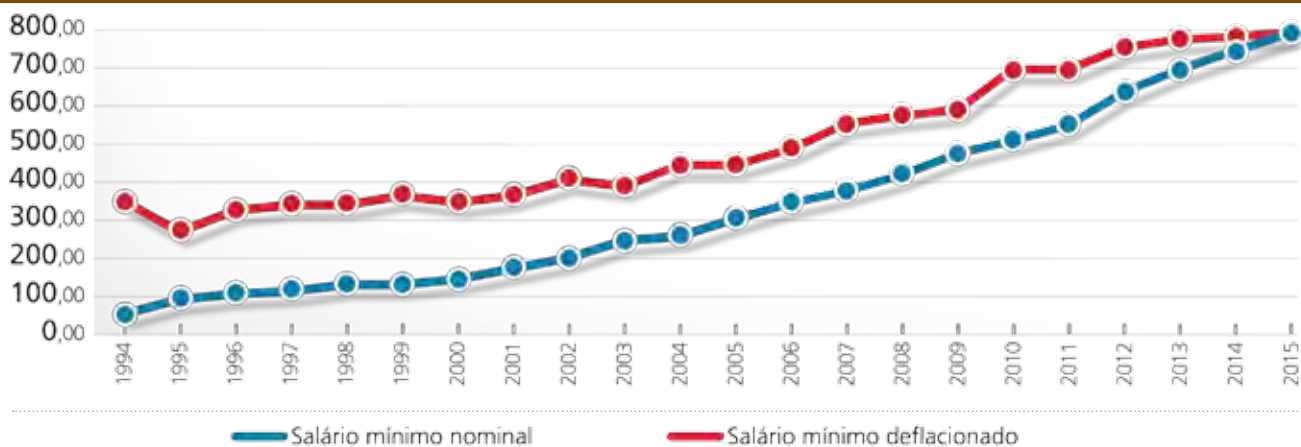
Para a agricultura familiar, a concorrência exercida por atividades urbanas pela mão de obra tem peso ainda maior, significando um risco para a própria estrutura de produção.

Segundo o engenheiro

agrônomo Roberto Tokihiro Kobori, especialista em bananicultura no Vale do Ribeira, “A bananicultura tem sofrido há muito tempo com o que se diz respeito à mão de obra. Isso se acentua no Vale do Ribeira, devido ao perfil familiar da agricultura. Os filhos não querem ficar no campo, migram para a cidade, havendo um envelhecimento das famílias que trabalham na lavoura. Está ocorrendo há tempos a ‘fuga’ dos jovens para a cidade, onde buscam estudo e melhores condições de vida. Além disso, esses jovens veem o trabalho no campo de modo pejorativo, como subemprego, o que não é verdade. Assim, o produtor não tem mais sua família para ajudar e também não consegue contratar, pois falta mão de obra e, quando consegue, os encargos são elevadíssimos porque as leis atuais fogem da realidade”.

De forma geral, é consenso no setor hortifrutícola que esse cenário de escassez de trabalhadores, custos altos e rigidez da legislação trabalhista deve persistir nos próximos anos, mesmo com a previsão de queda do PIB para 2015 e de crescimento modesto para os próximos anos. O argumento é que o emprego rural já não atrai mais as pessoas e a política de reajuste do salário mínimo do governo federal acima da inflação deve se manter também para 2015 e, possivelmente, até 2019.

EVOLUÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO - NOMINAL E DEFLACIONADO - 1994 A 2015



OCIOSIDADE DA MÃO DE OBRA: UM CUSTO INVISÍVEL PARA O PRODUTOR

Na área rural, não é possível ter 100% do tempo do trabalhador alocado nas atividades. Há sempre alguma ociosidade. Sazonalidade de produção e chuvas, por exemplo, dificultam a ocupação plena do trabalhador. No entanto, as horas não trabalhadas são pagas e é importante que o empregador apure esse custo, que pode ser alto em alguns casos. Apesar disso, ainda são poucos os produtores que têm controle de quanto dispendem com a mão de obra que acaba não sendo aproveitada.

Para fazer a análise do número de horas ociosas, em primeiro lugar, é preciso que haja um controle (ou estimativa) das horas necessárias para o cumprimento

de todas as atividades. Na sequência, o produtor deve calcular o número total de horas que está contratando, ou seja, somar as horas pagas ao conjunto de funcionários. A diferença será o que está “a mais”. Porém, pode ser difícil cortar esse “excedente” teórico, justamente devido à sazonalidade das tarefas no campo.

Noutro cálculo, para identificar quanto essas horas não aproveitadas estão lhe custando, o produtor pode dividir o montante que gasta com a folha total de salários (incluindo encargos) pelo número também total de horas contratadas. Obtido o valor unitário da hora, multiplique-o pelo número de horas ociosas. O resultado será o quanto dispense “em vão”.

OCIOSIDADE NA VITICULTURA - A produção de uva é uma das que mais gastam com mão de obra. No Vale do São Francisco, por exemplo, esse item pode representar até 38% dos custos operacionais da cultura. Em 2009, a equipe **Hortifruti Brasil** realizou pesquisa detalhada sobre os custos da uva de mesa naquela região e, ao trazer à tona a participação de cada item no custo total, surpreendeu muitos daqueles produtores que não tinham noção da ociosidade da mão de obra. A partir de então, muitos viticultores do Vale do São Francisco passaram a mensurar quanto estavam perdendo de dinheiro com a baixa produtividade de mão de obra e, ao mesmo tempo, buscaram alternativas. Nesse sentido, reestruturaram o sistema de podas, reduzindo o número de operações que requerem mão de obra – algumas podas mecânicas foram substituídas por podas químicas.

Em 2011, a equipe da **Hortifruti Brasil** fez novo estudo na região, mensurando inclusive o grau de ociosidade da mão de obra em três escalas de produção: pequena (média de 12 hectares), média (média de 35 hectares) e grande (média de 250 hectares). O resultado apontou que a propriedade de pequena escala tinha ociosidade muito baixa (1%), o que representava R\$ 187,77/hectare ano. Já para a média escala de produção, 28% do tempo dos trabalhadores não eram aproveitados, e isso representava um custo de R\$ 6.969,53/hectare ano. A grande escala também não conseguia ter uma alocação eficiente, e isso pesava em R\$ 5.160,35/ha ano.

Naquele caso, o nível de ociosidade da média e da grande escalas de produção era justificado pelo enfoque dado à exportação da uva, que ocorre numa “janela de mercado” concentrada em alguns meses do segundo semestre, período em que se requer o trabalho intenso de muitos funcionários. Com isso, entre os procedimentos de admissão e demissão de funcionários, se torna inevitável o elevado percentual de ociosidade. Uma das saídas seriam podas escalonadas ao longo do ano, o que requereria a alocação das frutas também para o mercado interno, ao invés da exportação, apenas. A baixa ociosidade do pequeno produtor de uva era, em parte, explicada justamente porque sua produção se dividia entre mercado interno e externo, além do que os procedimentos de contratação e de demissão de funcionários são mais fáceis quando é menor a demanda por pessoas – em função da pequena escala.

CUSTO (R\$/HA) E NÍVEL DE OCIOSIDADE DA MÃO DE OBRA NA VITICULTURA DO VALE DO SÃO FRANCISCO – SAFRA 2011

Escala de Produção	Gasto total com a mão de obra (A)	Gasto efetivo da mão de obra trabalhada (B)	Custo da Ociosidade (A-B)	% da mão de obra ociosa
Pequena	R\$ 17.494,40	R\$ 17.306,63	R\$ 187,77	1%
Média	R\$ 24.689,28	R\$ 17.719,75	R\$ 6.969,53	28%
Grande	R\$ 22.176,00	R\$ 17.015,65	R\$ 5.160,35	23%

Fonte: CEPEA

É assim que a
Seminis vê a sua
produtividade:

OLHO NO OLHO



SEMENTES DE BRÁSSICAS SEMINIS

PRODUTIVIDADE COM QUALIDADE O ANO TODO


Seminis.

www.seminis.com.br

ENCARGOS SOBRE A FOLHA DE PAGAMENTO PAGOS PELO PRODUTOR

O produtor é obrigado a recolher os encargos abaixo. Em média, representam de 47,44% a 48,44% do valor pago no salário.

• FUNDO DE GARANTIA POR TEMPO DE SERVIÇO (FGTS):

É cobrado para formar um fundo que volta para o trabalhador em caso de demissão ou aposentadoria. Pode ser resgatado também em algumas situações especiais, como na compra da casa própria. Ao empregador, esse encargo representa 8% do salário contratado. É depositado em conta específica do trabalhador e administrado pela Caixa Econômica Federal.

• PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO SOCIAL (PIS):

Tem como objetivo financiar o pagamento do seguro-desemprego. Ao empregador, são oferecidas duas modalidades de contribuição: 1% sobre toda a folha salarial da pessoa jurídica, sendo válido apenas para firmas sem fins econômicos, como cooperativas e associações. A outra modalidade é sobre o faturamento da empresa e há duas alíquotas distintas: 1,65% para as optantes pelo lucro real, sem cumulatividade, e 0,65% para pessoas jurídicas sujeitas à apuração pelo lucro presumido ou arbitrado e, neste caso, o PIS é cumulativo.

• CONTRIBUIÇÃO AO INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL (INSS):

Trata-se de um fundo para pagamento da aposentadoria do trabalhador. Corresponde a 20% do salário pago ao trabalhador, para empresas que não recolhem o Funrural. Para as empresas que recolhem o Funrural, a contribuição para a previdência já está embutida. Além do contratante, o contratado também paga um percentual do salário, que pode ser 8%, 9% ou 11% do salário contratado, a depender do valor do salário.

• PAGAMENTO DE FÉRIAS E DE UM TERÇO DE ABONO DE FÉRIAS POR ANO:

Somados, os dois correspondem a 11,11% do salário mensal.

• PAGAMENTO DO DÉCIMO TERCEIRO SALÁRIO:

Equivale a 8,33% do salário mensal.

CUSTOS ADICIONAIS PARA DEMISSÃO DO TRABALHADOR

É recomendável que o produtor faça uma reserva mensal (poupança) por trabalhador contratado para custear uma eventual demissão. O montante deve ser calculado com base principalmente na multa sobre o saldo do FGTS – é importante provisionar recursos também para o pagamento de férias e do décimo terceiro. Essa “poupança” deve ser feita especialmente quando há alta rotatividade ou se a fazenda contrata trabalhadores por um determinado período (safrista), como para a atividade da colheita. Atualmente, as obrigações do empregador com o trabalhador temporário, um safrista, são as mesmas que se tem com o trabalhador permanente. Como se vê, é importante o produtor contabilizar o custo demissional entre as despesas com mão de obra.

Recai sobre o custo de demissão:

- Em caso de demissão sem justa causa, há incidência de uma multa de 50% sobre o saldo do FGTS, sendo que, desse valor, 80% são destinados ao trabalhador.
- Com ou sem justa causa, o trabalhador terá direito de receber férias proporcional aos meses em que trabalhou. Se esteve contratado por seis meses, por exemplo, terá direito a receber metade do valor das férias que irão vencer.
- Ainda terá direito ao valor proporcional do décimo terceiro salário, correspondente aos meses em que trabalhou.
- Encargos legais (FGTS e INSS) que correspondem a 31,5% do valor a ser pago como aviso prévio, décimo terceiro e férias proporcionais.
- Se for dispensado de cumprir aviso prévio de um mês, o trabalhador ainda tem direito ao recebimento de um salário mensal contratado.

ENCARGOS ENCARECEM EM TORNO DE 50% O CUSTO DA MÃO DE OBRA

Uma das principais dúvidas que sempre saem nas “rodas de conversa” da hortifruticultura é qual é, de fato, o custo final da mão de obra, já que o valor do salário não representa todo o gasto do empregador. Os encargos trabalhistas e o custo demissional são exemplos de valores que muitas vezes não são levados em conta no custo com o trabalhador. Em geral, o tratamento desses itens fica a cargo do contador da fazenda, e o produtor não os adiciona aos salários computados em sua planilha de custo de produção. Conforme cálculos da equipe **Hortifruti Brasil**, os encargos costumam representar ao empregador um valor adicional de quase 50% sobre o salário do empregado.

Vale ressaltar que “obrigações trabalhistas” não podem ser encaradas como um ônus ao produtor. São um direito do trabalhador e uma obrigação de quem emprega. Alguns produtores, no entanto, ainda insistem em não recolher todos os encargos para aqueles que trabalham em sua atividade. Além de ilegal, o aperto da fiscalização trabalhista pode gerar multa ao empregador que pode inviabilizar por completo sua produção. Sandro Bley, um dos entrevistados da **Hortifruti Brasil** desta edição, resume bem a situação: “o empresário profissional deve estar adequado às normas e exigências do Ministério de Trabalho”.

Para além dos custos e encargos, em geral, a crítica dos produtores e engenheiros agrônomos entrevistados nesta edição

recai sobre a falta de flexibilidade da legislação trabalhista na área rural, já que a agricultura tem um ciclo de demanda por trabalho diferente do predominante nas atividades urbanas. De forma unânime, os entrevistados desta edição destacam que as leis trabalhistas precisam de uma adaptação à realidade rural. Na opinião de Celso Zancan, diretor de operações da Rasip, empresa produtora de maçãs, “a legislação trabalhista é o principal problema; é muito rígida para o setor agrícola, que não funciona como uma indústria - nós trabalhamos sob influência do clima”.

Outra distorção que tem limitado a disponibilidade de trabalhadores para as atividades no campo são o seguro desemprego e programas sociais do governo. Segundo o engenheiro agrônomo Roberto Tokihiro Kobori, “o trabalhador, após receber treinamento, sai e busca trabalhar em outro lugar, recebendo seguro desemprego para ter duas rendas. Isso acaba desestimulando produtores a concederem treinamentos.” No mesmo sentido, Luiz Barcelos, da Agrícola Famosa, acredita “que um dos pontos que dificulta a contratação e o gerenciamento dos funcionários são certos programas sociais que acabam desestimulando o funcionário a trabalhar, fazendo que ele acabe optando por receber um auxílio financeiro subsidiado pelo governo, ou trabalhe um tempo e queira ser demitido para receber o seguro desemprego.”

DIANTE DE UM CENÁRIO DE CUSTOS E DEMANDA CRESCENTE, O QUE ESPERAR PARA O FUTURO?

O cenário futuro é que os gastos com mão de obra vão continuar elevados e a oferta de funcionários para o ambiente rural continuará escasso. Além disso, uma maior flexibilização da legislação trabalhista ainda é uma demanda do setor que dificilmente será atendida no curto prazo, já que ela está ligada a uma revisão da lei trabalhista no País. Para enfrentar esses desafios, mecanização e melhorias na produtividade e no bem estar do trabalhador são as saídas para minimizar os custos da mão de obra nas propriedades.

Algumas propriedades vêm buscando alternativas para driblar essas dificuldades, através dos investimentos em máquinas, que substituem parte da mão de obra empregada em trabalhos mais pesados de campo, reduzindo a funcionários mais qualificados, treinados e com condições de melhores salários, que são os operadores e auxiliares de operações dessas máquinas. A cenoricultura, por exemplo, embora não seja uma

realidade para toda a produção, alguns produtores mecanizam 100% a produção, desde o preparo do solo, até o embalagem da cenoura, reduzindo muito o custo com mão de obra, e selecionando apenas funcionários para operarem essas máquinas.

Já para outras culturas, sobretudo as frutas, dificilmente se conseguirá substituir totalmente o trabalho humano por máquinas, sobretudo nas atividades de colheita. Assim, o que muitos produtores já vêm fazendo, e que é o caminho para os demais, é buscar formas de incentivo para o trabalhador, que os motivem a ficar no campo e aumentar a sua produtividade. Muitas das empresas e agentes de olho nas dificuldades em relação a mão de obra, começaram já há tempo investir na qualidade de vida do funcionário com boas instalações, alimentação, assistência médica, dentista, treinamentos do trabalho a ser desenvolvido, treinamento motivacional, bolsa de estudos, entre outros.

COMO O SETOR VEM ENFRENTANDO TEMPOS DE MÃO DE OBRA ESCASSA E COM CUSTO ELEVADO?

A **Hortifruti Brasil** entrevistou produtores e consultores do setor de frutas e hortaliças, questionando sobre os desafios e as alternativas para a gestão da mão de obra no campo.



TOMATE

A TOMATICULTURA NÃO CONSEGUE COMPETIR COM ATIVIDADES URBANAS

JOÃO ROBERTO DO AMARAL JUNIOR

João Roberto do Amaral Junior é engenheiro agrônomo, com 30 anos de experiência no setor de tomate; trabalha na região de Sumaré (SP).

Hortifruti Brasil: O que mais tem limitado a disponibilidade de mão de obra para a cultura do tomate?

João Roberto do Amaral Junior: A concorrência com indústrias, construção civil e pavimentação, que, em alguns momentos, pagam mais que a cultura do tomate. Com isso, ocorre uma migração do campo para esses setores urbanos. A tomaticultura não consegue competir em remuneração com essas outras atividades.

HF Brasil: Quais foram as alternativas adotadas na empresa onde o senhor trabalha para tornar a mão de obra mais produtiva?

Amaral Junior: Na parte da segurança do trabalhador, fizemos uma parceria com a Unicamp para que fossem implantadas ferramentas que ajudem na ergonomia da nossa atividade, focando o bem-estar dos trabalhadores e, conseqüentemente, o aumento da sua produtividade. Em relação às legislações trabalhistas, seguimos fielmente o que é determinado.

HF Brasil: Quais outras medidas têm sido implementadas para se elevar a produtividade do negócio?

Amaral Junior: Na lavoura, temos usado tecnologias como gotejamento, que reduziu a mão de obra necessária no sistema antigo de irrigação. No gotejamento também pode ser feita a adubação, o que também ajuda a reduzir o trabalho humano. Ao invés da cavadeira para o plantio, estamos utilizando a perfuratriz mecanizada, aumentando o rendimento do trabalhador. Aqueles que participam da colheita usam carriola, o que auxilia na ergonomia do serviço.

HF Brasil: E daqui para frente? Há planos de mecanizar mais algum item da atividade?

Amaral Junior: A substituição já foi feita na irrigação, adubação e perfuração, como já dito. A próxima etapa a ser mecanizada deve ser a pulverização, que passará a ser feita toda com trator, ao invés de mangueira como é feito hoje.



CEBOLA

A TENDÊNCIA É DE AUMENTO DA MECANIZAÇÃO, COM MENOS FUNCIONÁRIOS, QUE TERÃO MAIOR QUALIFICAÇÃO E GANHARÃO MAIS

DANILO FUGITA

Daniilo Fugita é administrador de empresas. A Família Fugita cultiva cebolas há 77 anos. Também é sócio da Fugini Alimentos.

Hortifruti Brasil: Quais as principais dificuldades que a cebolicultura tem encontrando para gerir a mão de obra?

Daniilo Fugita: A principal dificuldade é a própria dificuldade de encontrar trabalhadores. Outro grande problema é a legislação, que tem sido bastante rigorosa, sobretudo com relação aos safrististas [mão de obra temporária]. Além disso,

esse tipo de mão de obra tem migrado para a cidade, o que a torna mais cara e escassa. Seria preciso flexibilizar os contratos temporários – atualmente, não existe diferença entre o temporário e o fixo.

HF Brasil: Quais ações vocês têm adotado para aumentar a produtividade da mão de obra?



BATATA

O EMPRESÁRIO PROFISSIONAL DEVE ESTAR ADEQUADO ÀS NORMAS E EXIGÊNCIAS DO MINISTÉRIO DE TRABALHO

SANDRO BLEY

Sandro Bley é engenheiro agrônomo, produtor de batata-semente, batata industrial e de mesa em Cristalina (GO).

Hortifruti Brasil: *O senhor concorda que a mão de obra é um dos grandes desafios para se viabilizar a bataticultura?*

Sandro Bley: Sem dúvidas! A mão de obra hoje é um dos maiores gargalos para a produção de batata. Há tempos o setor sabia que teria de enfrentar esse aumento que houve tanto nos custos, quanto na dificuldade de contratação e nas exigências trabalhistas e encargos, cada vez mais pesados.

HF Brasil: *Quais medidas têm sido adotadas para enfrentar esses desafios?*

Bley: Acho que o setor de forma geral não estava preparado para esses desafios. Alguns produtores/empresas já viam a necessidade de mudar o modelo de produção, buscando o uso mais racional da mão de obra, mecanizando as etapas possíveis, e buscando otimizar a produtividade dos trabalhadores. Quando eu falo em mecanizar, me refiro à colheita 100% mecanizada; outras etapas, como o plantio, já há muito tempo foram atribuídas às máquinas. Grande parte daqueles que não conseguiram mecanizar passa por dificuldades pra viabilizar a cultura.

HF Brasil: *Estimular o aumento da produtividade da mão de obra é uma necessidade. Como o setor da batata tem*

feito isso?

Bley: Uma das melhores formas de incentivo para o aumento da produtividade da mão de obra está na remuneração, premiando trabalhadores que tenham melhor produtividade. Além do estímulo financeiro direto, o investimento na capacitação do funcionário, por meio de cursos, e nas condições oferecidas, como alimentação, transporte e alojamento, também dá bons resultados.

HF Brasil: *O senhor substituiu ou pretende substituir alguma etapa da produção baseada em mão de obra por algum método mecânico ou químico?*

Bley: Substituímos e pretendemos substituir ainda mais a colheita. Na bataticultura, mesmo otimizando a produtividade dos funcionários, é preciso partir para mecanização para ser competitivo. É um caminho sem volta; quem ainda não adota a mecanização deve aderir rapidamente para se manter na atividade. A disponibilidade e a qualidade da mão de obra tendem a ficar cada vez piores. Ao mesmo tempo, a legislação trabalhista é cada vez mais rígida e não tem como fugir disso. O empresário profissional deve estar adequado às normas e exigências do Ministério de Trabalho.

Fugita: O nosso funcionário passa por um treinamento. No entanto, o sistema que mais funciona é o pagamento por bonificação da produção.

HF Brasil: *Na empresa da sua família, quais atividades foram ou devem ser mecanizadas? No caso da cebola, por que ainda não há colheita mecânica?*

Fugita: Para o tipo de cebola que produzimos na nossa região, de ciclo mais curto, a colheita mecanizada danifica o bulbo. O mercado teria que ser menos exigente com relação a isso para que pudéssemos mecanizar. No Sul, produtores têm máquinas chamadas estaladeiras, que fazem a "toaleta da cebola". Hoje, temos o arranquio mecânico e uma máquina que faz uma pré-colheita. Por sua vez, o plantio já é

todo mecanizado com semeio direto. Talvez essa escassez de mão de obra venha para o bem. Pode ser que a atividade comece a ficar inviável e o consumidor seja obrigado a aceitar o produto obtido com mais mecanização.

HF Brasil: *Quais suas expectativas sobre a mão de obra para sua atividade no futuro?*

Fugita: Cada vez mais escassa. O trabalhador que faz o serviço mais pesado está nisso por não ter muita opção. Então, quem consegue agregar um nível de conhecimento e aprendizado um pouco melhor, parte para outras atividades. A tendência é de aumento da mecanização, com menos funcionários, que terão maior qualificação e ganharão mais.



CENOURA

**NA PRODUÇÃO DA CENOURA,
JÁ É POSSÍVEL MECANIZAR 100% DAS ETAPAS**

RENATO MENDES COELHO

Renato Mendes Coelho é engenheiro agrônomo, co-fundador da Terra do Leite, sócio-proprietário da Agris Consultoria, sócio-proprietário e membro do Conselho de Administração da Sekita Agronegócios.

Hortifruti Brasil: *Quais são as principais dificuldades para se gerir a mão de obra na cenouricultura? O setor tem a profissionalização necessária para esse desafio?*

Renato Mendes Coelho: O setor de forma geral não estava preparado para enfrentar as dificuldades relativas à mão de obra, mas alguns produtores sim. O sentido principal tem sido o de buscar a mecanização de atividades que demandam mais mão de obra. Têm sido adotadas, por exemplo, plantadeiras de altíssima precisão, que tornam desnecessárias as atividades de raleio e desbaste. Somando-se a essas plantadeiras, temos comprado sementes de calibre maior que permitem maior precisão no plantio. Mecanizamos também toda a colheita e carregamento. As máquinas são importadas da Europa. Uma colhedora colhe 1.000 caixas por hora e substitui cerca de 80 pessoas. Porém, para viabilizar uma máquina dessas, é necessário que se tenha mais de 300 hectares e o produtor também precisa estar adaptado à máquina. Na produção da cenoura, já é possível mecanizar 100% das etapas, e essa é a saída. Existe tecnologia no mercado para isso.

HF Brasil: *Dos Custos Totais, quanto o senhor estima que ainda seja gasto com mão de obra?*

Coelho: Em um sistema mecanizado, os custos da mão de obra envolvem apenas o salário do operador e dos auxiliares das máquinas, o que fica bastante diluído na área total. Já em um sistema sem mecanização, o custo por hectare só com raleio e colheita seria de cerca de R\$ 3.800,00.

HF Brasil: *Como o setor vem buscando aumentar a produtividade da mão de obra?*

Coelho: No campo, o pagamento por produtividade é a melhor forma de melhorar o rendimento do trabalhador. Um ponto importante é ter um planejamento de trabalho para o funcionário o ano inteiro, como forma de manter a mão de obra fixa e, com isso, selecionar os melhores funcionários – no caso da cultura da cenoura, isso é possível. Também benefícios como pagamento de cesta básica e ações motivacionais ajudam como incentivo a um melhor rendimento do trabalhador, além de treinamento com relação à segurança no trabalho.



UVA

**O PRODUTOR TEM QUE INCORPORAR AS DESPESAS
DA MÃO DE OBRA E BUSCAR A RECEITA QUE PAGUE A CONTA**

NEWTON MATSUMOTO

Newton Shun Matsumoto é engenheiro agrônomo e, desde 1990, é consultor sobre produção de uva de mesa no Vale do São Francisco. Matsumoto também é produtor e exportador de uva naquela região.

Hortifruti Brasil: *Em estudo que fizemos a respeito da produção de uva no Vale do São Francisco, em 2011, constatamos que a mão de obra era o item de maior peso no custo. Essa situação mudou nos últimos anos?*

Newton Matsumoto: Não, a mão de obra continua sendo um desafio. Mudaram algumas coisas, mas não de forma significativa. Estamos trabalhando mais com uvas de duas safras que têm um raleio menor e, portanto, requerem menos mão de obra. Mas ainda temos problemas, como a alta demanda por mão de obra na colheita. A colheita representa 50% do total da mão de obra demandada na cultura.

HF Brasil: *Naquele estudo, constatamos baixa produtividade da mão de obra em médias e grandes escalas de produção, o que estava relacionada à ociosidade da mão de obra. O que tem sido feito para melhorar essa situação?*

Matsumoto: Essa ociosidade é um problema difícil de se resolver. As novas variedades, em que conseguimos duas safras, permitem escalonar melhor o uso da mão de obra. Com isso, diminui a oscilação de trabalhadores entre o primeiro e o segundo semestre, mas os picos de demanda ficaram ainda mais concentrados na colheita. Caso o parreiral fosse equalizado para produzir o ano todo, o problema seria resolvido, ▶



FOLHOSAS

AS GERAÇÕES MAIS JOVENS ESTÃO BUSCANDO TRABALHO NA CIDADE

ELIANA TOMITA

Eliana Tomita é administradora de empresas e diretora da empresa Tomita Hortaliças.

Hortifruti Brasil: Quais são as principais dificuldades que a sua atividade tem encontrado para gerir a mão de obra?

Eliana Tomita: A oferta está muito baixa. De uns tempos pra cá vem faltando funcionário. As gerações mais jovens estão buscando trabalho na cidade. O campo sente falta de trabalhadores e isso é difícil de ser revertido. Acabamos nos virando com a equipe que temos. Porém, com o tempo, isso vai sobrecarregando o trabalho deles, o que pode resultar em queda na produção.

HF Brasil: O setor vem buscando aumentar a produtividade da mão de obra? Como?

Eliana: Sim. Se não se fizer isso, não se produz. Uma saída é um aumento de horas de trabalho de cada funcionário.

HF Brasil: A senhora substituiu ou pretende substituir alguma etapa da produção baseada em mão de obra por método mecânico ou químico?

Eliana: Não temos essa opção, a cultura é bem manual. A propriedade também não é tão grande e, mesmo que fosse, na cultura da alface, é mais difícil, por ser uma hortaliça sensível, que demanda trabalho humano. No caso da alface, tem que ser tudo manual.

HF Brasil: Há alguma etapa da produção onde seja elevado o percentual de mão de obra ociosa?

Eliana: Como a alface tem ciclos ao longo do ano todo, a rotatividade é grande e os serviços exigidos também. Ou seja, nada de mão de obra ociosa.

HF Brasil: Na sua opinião, qual a tendência para a mão de obra na sua atividade?

Eliana: Ainda mais escassa. A tendência é aumentar a procura e diminuir a oferta de trabalhadores no campo.

▶mas inviabilizaria a exportação, já que há uma janela específica de envios para a Europa e Estados Unidos no segundo semestre. Como o grosso da exportação está concentrado em produtores de média e grande escala, é onde há mais mão de obra ociosa. Assim, um dos motivos para o produtor de pequena escala quase não ter ociosidade de mão de obra é que colhe quase que o ano todo, focando mais no mercado interno.

HF Brasil: Nos últimos anos, em especial com o aumento do salário mínimo, os custos com mão de obra devem ter pesado ainda mais nos custos. Como os produtores de uva do Vale do São Francisco têm lidado com essa questão?

Matsumoto: Essa preocupação se acentuou com a crise de 2008. Com a vinda do Cepea em 2009, quando foram feitos os primeiros estudos relacionados aos custos de produção, verificamos a importância da mão de obra na composição desses custos. Foi quando os produtores

passaram a otimizar o pessoal contratado. Desde então, reduzimos o número de operações relacionadas à mão de obra. Como exemplo, substituímos o o raleio pela despenca. Na amarração, já não se tira mais gavinha; amarra-se sem tirar. Operações como capina, coveamento, e estercoamento, antes feitas manualmente, agora são feitas mecanicamente. Assim, quando se comparam os custos de 2011 aos de 2009, nota-se que não aumentaram tanto. Porém, de 2011, 2012 até agora, pouco se conseguiu melhorar, pois o que havia para ser feito, foi feito lá atrás. Com as variedades novas, reduzimos a necessidade de mão de obra, mas ainda é pequena a área: dos 11 mil hectares cultivados na região, pouco mais de 1.000 hectares estão com variedades novas. Quanto ao impacto do aumento de salário e das exigências trabalhistas, não há o que ser feito. O produtor tem que incorporar essas despesas e buscar receita que pague a conta.



BANANA

AS LEIS TRABALHISTAS PRECISAM DE UMA ADAPTAÇÃO À REALIDADE RURAL

ROBERTO TOKIHIRO KOBORI

O engenheiro agrônomo **Roberto Tokihiro Kobori** é especialista em bananicultura e responsável técnico nas fazendas da Magário Comércio de Frutas.

Hortifruti Brasil: *No setor da banana, a mão de obra também tem sido um dos principais gargalos?*

Roberto Tokihiro Kobori: A banana tem sofrido há muito tempo com o que se diz respeito à mão de obra. Isso se acentua no Vale do Ribeira, devido ao perfil familiar da agricultura. Os filhos não querem ficar no campo, migram para a cidade, havendo um envelhecimento das famílias que trabalham na lavoura. Está ocorrendo há tempos a “fuga” dos jovens para a cidade, onde buscam estudo e melhores condições de vida. Além disso, esses jovens veem o trabalho no campo de modo pejorativo, como subemprego, o que não é verdade. Assim, o produtor não tem mais sua família para ajudar e nem consegue contratar, pois falta mão de obra e, quando consegue, os encargos são elevadíssimos porque as leis atuais fogem da realidade.

HF Brasil: *O que o setor tem feito para elevar a produtividade da mão de obra?*

Kobori: Estratégias baseadas em produtividade têm sido usadas. Caso metas sejam atingidas ou superadas, há prêmios e benefícios aos trabalhadores, como forma de serem conseguidos melhores resultados e também se manter o trabalhador motivado no meio rural. O sindicato rural tem buscado dar cursos às famílias, tentando manter os jovens no campo e também ensinando maneiras para as famílias melhorarem suas rendas. Mas falta intensidade para essas iniciativas, pois

as vagas e amplitude são limitadas. Já os produtores têm focado seus treinamentos mais em iniciativas de gestão da mão de obra, visando ao aumento de produtividade.

HF Brasil: *O senhor substituiu ou pretende substituir alguma etapa da produção que utilizava ou utiliza mão de obra por algum método mecânico ou químico?*

Kobori: Pode-se usar tecnologia, mas se exige mão de obra especializada. Por exemplo, existem fertilizantes concentrados que diminuem o número de aplicações. Além disso, as adubações podem ser feitas em meio ao processo de fertirrigação por gotejamento, mas é preciso um funcionário treinado para fazer corretamente as dosagens. Cabo aéreo para transporte dos cachos reduz a dependência de trator para transporte, mas ainda são pouco usados.

HF Brasil: *Quais suas perspectivas quanto às questões relacionadas à mão de obra na sua atividade?*

Kobori: A tendência é que se intensifique o uso de tecnologias nos próximos anos. O que se espera é estabilidade ou até redução da área de produção, devido ao número limitado de trabalhadores. É preciso formar novos trabalhadores e fixá-los no campo. Além disso, é preciso contar com iniciativas governamentais, como saúde e educação na área rural, melhorar a infraestrutura para o campo. Paralelamente, as leis trabalhistas precisam de uma adaptação à realidade rural.



MAMÃO

A MAIOR DIFICULDADE EM RELAÇÃO À MÃO DE OBRA É A ESCASSEZ DE TRABALHADORES

VALMIR ZUFFO

O engenheiro agrônomo **Valmir José Zuffo** faz assessoria técnico-empresarial a produtores de fruticultura, cafeicultura, grãos, plantas extrativas (mandioca e seringueira) e pecuárias de corte e leite.

Hortifruti Brasil: *Nos últimos anos, a mão de obra se tornou um dos principais gargalos na produção. O senhor concorda?*

Valmir Zuffo: Sim. Todos os setores da economia têm sido atingidos pelos problemas da mão de obra. Há falta de trabalhadores especializados em todas as áreas, e a agricultura tem

sido bastante penalizada. Além da falta de mão de obra capacitada, ainda sofre com o estigma de que trabalhar no campo é subemprego, com salários baixos, condições de trabalhos inferiores, o que não condiz com a realidade. Esse e outros fatores têm contribuído para a “fuga” da mão de obra do campo.



MAÇÃ

A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA É O PRINCIPAL PROBLEMA; É MUITO RÍGIDA PARA O SETOR AGRÍCOLA, QUE NÃO FUNCIONA COMO UMA INDÚSTRIA

CELSON ZANCAN

Celson Zancan é engenheiro agrônomo e mestre em fruticultura de clima temperado. É diretor de operações da Rasip, empresa produtora de maçãs.

Hortifruti Brasil: Quais são as principais dificuldades que a empresa onde trabalha tem enfrentado em relação à mão de obra e o que tem feito para superá-las?

Celson Zancan: A legislação trabalhista é o principal problema; é muito rígida para o setor agrícola, que não funciona como uma indústria - nós trabalhamos sob influência do clima. Chove três dias e o funcionário fica parado; quando para de chover, não há uma flexibilidade para compensar pelo menos em parte o tempo que ficou parado, sobretudo para a mão de obra temporária. Nós e a ABPM (Associação Brasileira de Produtores de Maçã) temos tentado flexibilizar a legislação trabalhista. Embora tenhamos banco de horas, existe apenas para a mão de obra fixa. Para os temporários, é maior o gargalo. Quanto à demanda, há disputa por trabalhadores entre os setores da economia, embora esteja menos acentuada porque a economia desacelerou. Estamos utilizando de agricultura de precisão para o plantio, com vistas a mecanizar parte das etapas de produção. A colheita tem que ser manual e, para facilitar esse processo, estamos utilizando plantas menores, com porta enxerto menor, buscando uma melhor adequação de campo. Em relação à *packing*, investimos em um conjunto de máquinas melhores e mais modernas, sempre no sentido de melhorar a produtividade da mão de obra. Investimos em um maquinário que separa as frutas por cor, peso e defeito. O que tínhamos antes classificava apenas por peso. Esse investimento reduziu muito a neces-

sidade da mão de obra. Na parte final do processo, que é a paletização, antes era manual, agora também é mecânica.

HF Brasil: E quanto à produtividade da mão de obra? O que o setor tem feito para elevá-la?

Zancan: Buscamos sempre investir na mão de obra, melhorando as condições de trabalho para que o funcionário não fique exposto a más condições de trabalho e ergonômicas, e consiga maior produtividade. Na *paking*, as condições de trabalho são melhores que no campo, mas também procuramos evitar que o funcionário fique exposto às atividades muito repetitivas. Damos treinamentos dos funcionários fixos e também dos temporários, mas, para esses, de forma mais limitada, relacionados a questões como higiene e cuidados com segurança do trabalho. Temos também treinamento para executar colheita e raleio. Para estimular a produtividade do funcionário, buscamos premiar os melhores resultados com remuneração ou outros benefícios, como educação para funcionários fixos. Para quem quer fazer curso superior, pagamos 50% da mensalidade; para pós-graduação, 75%, depois que a pessoa já esteja há pelo menos seis meses na empresa. Para o pessoal temporário, traçamos metas e, em cima do cumprimento dessas metas, damos bônus. Para isso, temos o controle do quanto cada funcionário colhe. Temos também bônus para quem permanece mais dias na empresa.

HF Brasil: Quais as principais dificuldades que a cultura do mamão vem encontrando quanto à mão de obra?

Zuffo: Em geral, os produtores têm buscado alternativas que dependam menos de mão de obra. No entanto, acredito que um dos principais entraves atualmente é a legislação. Nosso código é antigo e defasado para a agricultura, não condiz com a realidade. Há excesso de normas e muitas não são adaptadas ao campo, não tem como o mesmo código ser usado para o trabalhador rural e o urbano, são realidades distintas. Custos não são o maior problema, pois podem ser diluídos ou otimizados com mecanização, por exemplo. A maior dificuldade em relação à mão de obra é a escassez

de trabalhadores. A melhor saída, e a que tem sido usada na cultura, é a mecanização. As etapas de preparo de solo, plantio, adubação e controle fitossanitário podem ser mecanizadas, diminuindo a dependência de mão de obra. Grande parte dos produtores já tem adotado essas práticas.

HF Brasil: Qual a tendência em relação à mão de obra no setor de mamão?

Zuffo: Diminuição de mão de obra onde for possível. A falta de trabalhadores forçará a mecanização. No restante, sem mudança legislativa e cultural, dificilmente deve ocorrer melhora. Opções técnicas de mecanização da colheita devem ser estudadas para o futuro.

Vamos além para produzir e alimentar mais.

A DuPont disponibiliza tecnologias de alta performance através do Programa Batata, que contribuem para melhorar a qualidade e a produtividade da sua lavoura. E você pode comprovar a eficiência nos campos tratados nas regiões produtoras de batata no Brasil. Para ir além mais uma vez, descubra DuPont Programa Batata.

Tradição e confiança na obtenção dos melhores resultados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2014 DuPont. Todos os direitos reservados. DuPont Oval Logo, DuPont™ e todos os produtos mencionados com ® ou ™ são marcas ou marcas registradas da E. I. du Pont de Nemours and Company ou de suas afiliadas. Kocide® WDG, marca registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como Kocide® WDG Bioactive. Nov/2014



DuPont Programa Batata

DuPont[™]
Equation[™]
fungicida

DuPont[™]
Curzate[™]
fungicida

DuPont[™]
Midas[™] BR
fungicida

DuPont[™]
Kocide[™] WDG
fungicida

DuPont[™]
Rumo[™] WG
inseticida

DuPont[™]
Premio[™]
inseticida

DuPont[™]
Lannate[™] BR
inseticida



PREVENÇÃO

Prevenção da lavoura proporcionando vigor e qualidade desde o início.



PERFORMANCE

Eficiência na utilização de produtos de alta performance, com resultados comprovados.

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



MELÃO

O SALÁRIO QUE O TRABALHADOR RECEBE NÃO É O PATRÃO QUEM PAGA, MAS, SIM, O RESULTADO DO TRABALHO QUE ELE EXECUTA

LUIZ ROBERTO BARCELOS

Luiz Roberto Barcelos é formado em Direito; é sócio e diretor institucional da Agrícola Famosa, maior exportadora de frutas do Brasil.

Hortifruti Brasil: Quais as principais dificuldades que a fruticultura enfrenta quanto à mão de obra?

Luiz Roberto Barcelos: Sobretudo o encarecimento, além da má qualidade da mão de obra, que se reflete em sua baixa eficiência. Também vem sendo bastante difícil conseguir mão de obra, sobretudo de qualidade, muito embora estejamos em uma região do País onde ainda há maior oferta de trabalhadores. Quanto aos gastos, embora prévissemos mudanças, não esperávamos que fosse dessa magnitude. Preparamo-nos investindo de forma a estimular o funcionário a querer trabalhar conosco, para que tenha motivação para isso.

HF Brasil: O que o setor e a sua empresa têm feito para superar essas dificuldades?

Barcelos: Procuramos sempre dar boas condições de trabalho para que seja bom o desempenho do trabalhador e

também os resultados da empresa. Cumprimos com todas as legislações trabalhistas, damos todos os direitos que a legislação determina e ainda mais, pagamos bônus por produção para todos os níveis. Temos empresa um programa de participação de resultados, conscientizamos o trabalhador que o salário que ele recebe não é o patrão quem paga, mas, sim, o resultado do trabalho que ele executa. Temos um setor de medição das tarefas, que estabelece uma meta para o funcionário. A pessoa tem uma meta a ser atingida em um determinado tempo, sem que se perca a qualidade do serviço. Isso é medido; quanto é atingido ou ultrapassado, damos um benefício para a equipe. Temos investido em alojamento, refeitório de melhor qualidade, médicos, dentistas, entre outros. Contratamos todos nossos funcionários pelas normas da CLT e pagamos fundo de garantia, multa e demais encargos.



MELANCIA

A MAIORIA DOS TRABALHADORES É TEMPORÁRIA, E A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA NÃO AJUDA NESSE SENTIDO

CARLOS ALBERTO ALVES FERREIRA

Carlos Alberto Alves Ferreira é produtor e comprador de melancias de Teixeira de Freitas (BA).

Hortifruti Brasil: A mão de obra também tem sido um desafio para a melancia?

Carlos Alberto Alves Ferreira: Tem sido uma das maiores dificuldades na região de Teixeira de Freitas e acredito para a cultura como um todo. Além da sua baixa qualidade, o custo é alto e sobe cada vez mais. As leis trabalhistas não se adaptam à realidade da cultura. A legislação complica as contratações. A maioria dos trabalhadores é temporária, e a legislação trabalhista não ajuda nesse sentido. Faltam leis que se adaptem à realidade do campo.

HF Brasil: Quais são as principais dificuldades que o setor vem encontrando com relação à mão de obra?

Ferreira: A maior dificuldade é quanto à legislação trabalhista. Temos que fornecer determinada estrutura para os trabalhadores, mas, em melancia, não mantemos estrutura fixa,

cada temporada estamos em uma localidade devido ao fato que as terras são arrendadas. Outros pontos da legislação trabalhista também não condizem com a realidade do setor.

HF Brasil: Muitos destacam a necessidade de se elevar a produtividade da mão de obra. Na produção de melancia, há medidas nesse sentido?

Ferreira: Treinamos os líderes de equipe, tratoristas, mas, na melancia, a maior parte da mão de obra é temporária e, portanto, não tem como ser treinada.

HF Brasil: E para o futuro? Quais suas perspectivas em relação à mão de obra?

Ferreira: Cada dia mais difícil com a “fuga” da mão de obra do campo. A legislação que não condiz com a realidade deve elevar os custos e dificultar cada vez mais a situação dos produtores.



MANGA

A AGRICULTURA PRECISA SER ENCARADA COM QUALQUER OUTRA ATIVIDADE, E NÃO COMO SUBEMPREGO

MAURICIO VIEIRA DA SILVA

Formado em História, **Maurício Vieira da Silva** é supervisor comercial na Cooperativa Agrícola de Juazeiro, na Bahia.

Hortifruti Brasil: Quais são as principais dificuldades que a cultura da manga encontra com relação à mão de obra?

Maurício Vieira da Silva: No nosso caso, as mangas são de cooperados ou de terceiros. Quando compramos fora, temos que levar o pessoal para colher e fazer o beneficiamento. Dependendo da área, é difícil montar equipes o suficiente, pois falta mão de obra. Além disso, os custos estão bastante altos. Desta forma, a margem vem se apertando. Acho que o setor de manga não estava preparado para o aumento de custos e diminuição da disponibilidade da mão de obra que tem ocorrido. No caso dos produtores cooperados, a cooperativa cuida da colheita, simplificando suas atividades.

HF Brasil: Elevar a produtividade da mão de obra tem sido uma necessidade. Quais ações o setor tem adotado nesse sentido?

Silva: Acredito que não há iniciativas em nosso setor. Na uva, há ações nesse sentido devido a pressões sindicais e ao fato de a demanda da uva por mão de obra ser diária. No caso da manga, os tratos são mais reduzidos, e a necessidade por mão de obra não é tão grande, com exceção da implantação do pomar, que requer mais cuidados e, com isso, mais mão de obra.

HF Brasil: Como o senhor vê o cenário de mão de obra para sua atividade no futuro?

Silva: Acredito que deve haver incentivo para segurar as pessoas na roça; os jovens têm que conseguir ver um futuro no campo. Deveria haver incentivos por parte do governo, com escolas, educação e saúde no campo. A agricultura precisa ser encarada como qualquer outra atividade, e não como subemprego.



CITROS

O BRASIL PERDEU A COMPETITIVIDADE NA MÃO DE OBRA

GILBERTO TOZATTI

Gilberto Tozatti é engenheiro agrônomo, consultor em citros do GCONCI (Grupo de Consultores em Citros) e especialista em Agronegócios.

Hortifruti Brasil: O senhor concorda que a mão de obra se tornou um dos principais gargalos na produção?

Gilberto Tozatti: Concordo. Dentre os *players* mundiais da citricultura, o Brasil era considerado o mais competitivo, principalmente por ter um custo de mão de obra barata em relação aos demais países produtores. Devido ao aumento gradativo do custo da mão de obra nos últimos anos, o Brasil perdeu esta competitividade.

HF Brasil: Quais as principais dificuldades com relação à mão de obra na citricultura?

Tozatti: Entre as principais dificuldades estão a escassez de mão de obra qualificada, legislação trabalhista arcaica para os padrões de competitividade atuais e aumento dos custos de colheita. No setor, as empresas de maior porte estão buscando mão de obra em outros estados para atender sua deman-

da, enquanto as de menor porte vêm buscando a mão de obra disponível no local, muitas vezes de baixa qualidade. Os produtores têm buscado atender da melhor forma possível à legislação vigente, porém nem sempre a fiscalização e a justiça trabalhista têm atuado com bom senso, prejudicando a sustentabilidade do setor e consequentemente a geração de mais empregos.

HF Brasil: Quanto à colheita, há como substituí-la pelo trabalho mecanizado?

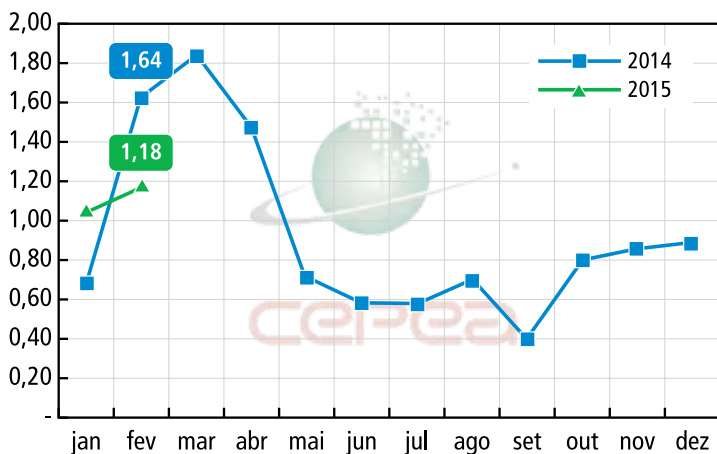
Tozatti: A Flórida investiu muito na colheita mecânica e chegou a colher anualmente 10% da área de citros com máquinas. No Brasil, existem vários protótipos sendo testados, mas ainda estamos longe de substituir a mão de obra de colheita por máquinas como aconteceu nas culturas do café e da cana-de-açúcar aqui no País.■



Setor investe em capacitação para economizar água

Mesmo com chuva em fevereiro, reservatórios estão baixos

A crise hídrica iniciada em 2014 pode continuar ao longo deste ano, se não chover o suficiente até maio nas regiões produtoras paulistas. No momento, a seca tem resultado em preços mais altos desde dezembro. Isso porque com a falta de água e o calor a produtividade de folhosas, assim como o tamanho dos pés, diminuíram nesse período. Em Mogi das Cruzes (SP), agricultores comentaram que em fevereiro aumentou a fiscalização em relação ao uso de água para irrigação, porém, pelo menos por enquanto, o governo estadual informou que não irá lacrar as bombas de água dos produtores de folhosas. Mesmo assim, para maior controle dos gastos com água, produtores estão se capacitando. Entre as medidas estão otimização do manejo de irrigação, melhoria contínua nos sistemas de tubulação e bicos irrigadores, possível substituição por sistema de gotejamento ou micro aspersão (o que pode diminuir em até 30% do consumo de água) e controle dos horários de irrigação (não irrigar durante picos do calor, por exemplo). Essas medidas já estão sendo realizadas pelos produtores da região, que durante a última semana de fevereiro passaram por treinamento e conscientização. Por outro lado, as chuvas foram volumosas em fevereiro, mas ainda ocorreram de forma localizada, mantendo baixos os níveis do reservatório que abastece as regiões produtoras. Em fevereiro/14, o Sistema Alto Tietê tinha 33,8% do volume total e, em fevereiro/15, esse montante caiu



Americana valoriza na Ceagesp

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade

Fonte: Cepepa

para 18,3%. Apesar de ser um volume baixo, contudo, o cenário já está melhor que o de janeiro, o nível era de 10,8% da capacidade.

Venda de mudas se mantém aquecida

A escassez de água resultou em boa demanda por mudas de alface nas regiões paulistas de Ibiúna e Mogi das Cruzes em fevereiro. De acordo com viveiristas que atendem essas praças, o racionamento vem prejudicando o plantio das folhosas, já que com a seca aumenta a dificuldade de a muda da alface se desenvolver, ocasionando, muitas vezes, perdas. Dessa forma, a demanda por mudas ficou elevada em fevereiro, pois produtores buscaram repor as folhosas perdidas, uma vez que o preço alto das alfaces no período animou o plantio. Com esse cenário, ainda segundo os viveiristas, a procura por mudas de alface superou a oferta disponível no mês passado. Porém, esse aumento na procura por mudas e no plantio não deve refletir proporcionalmente em maio oferta de folhosas no, dadas as perdas no campo.

Apesar das perdas, rentabilidade é positiva

Em março, os danos nas roças de alface podem diminuir nas regiões paulistas de Ibiúna e Mogi das Cruzes, visto que as temperaturas começaram a cair. Com isso, a oferta pode ser maior que a de fevereiro. Fevereiro foi marcado pela baixa qualidade e oferta reduzida das folhosas. Devido às altas temperaturas no início do mês, os pés apresentaram queimaduras e manchas. Além disso, as alfaces foram cultivadas em janeiro e sofreram com o clima atipicamente seco. Além da estiagem, na segunda quinzena de fevereiro as chuvas voltaram e de forma mais constante, o que também ocasionou perdas, nesse caso até 30% tanto em Mogi das Cruzes quanto em Ibiúna, reduzindo ainda mais a disponibilidade do produto. Mesmo assim, com valores elevados durante o mês, a rentabilidade foi positiva para todas as variedades – o preço superou em 60,5% o custo de produção para crespas, 59% para a lisa e 98% para a americana.





Saborosas e crocantes, preparem-se para as alfaces do barulho

Brunela

Alface - frisee,
tropicalizada



Tolerância a Pythium e Tip Burn

Sementes Polinizadas

Crocantela

Alface crocante
e tropicalizada



Tolerância ao Mildio e Tip Burn

Sementes Polinizadas

Romanela

Alface romana
crocante



Tolerância ao Tip Burn

Sementes Polinizadas

Rubinela

Alface crocante,
vermelha e tropicalizada



Tolerância ao Mildio

Sementes Polinizadas

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES



Uma empresa
do grupo
futur[®]

(54) 2109.4400
www.sementesfeltrin.com.br

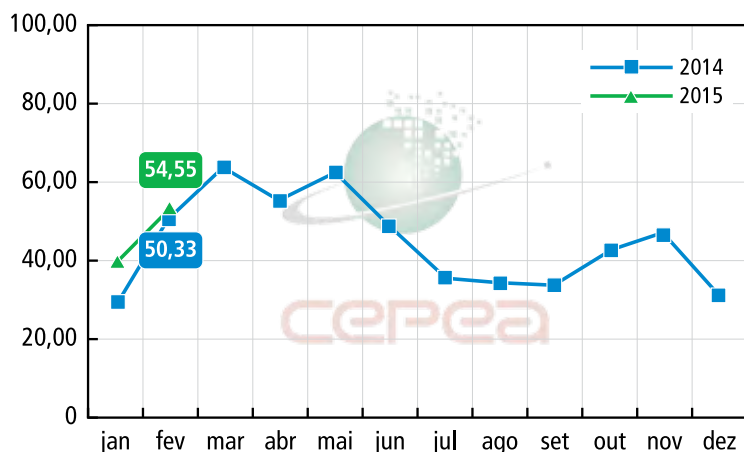


Tomaticultor de Araguari intensifica colheita

Em março, a região de Araguari (MG) deve colher cerca de 11% dos 12 milhões de pés de tomate que os produtores esperam cultivar na safra de inverno 2015. A colheita se iniciou em algumas propriedades no final de fevereiro, com apenas 5% dos frutos colhidos. Neste mês, a região já tem trabalhos com ritmo mais aquecido e deve contribuir para o abastecimento dos atacados de Mato Grosso, São Paulo, Nordeste e Sul do País. A expectativa inicial de tomaticultores da região é de que os frutos colhidos sejam de boa qualidade, pois não foram afetados pela falta de chuva. Entretanto, se não houver precipitações suficientes ao longo deste mês, o semeio do período pode ser menor que o esperado. A região de Araguari faz parte da primeira parte da safra de inverno e a colheita deve ser realizada entre fevereiro e dezembro, com pico das atividades nos meses de junho e julho. Em 2014, durante o transplântio as principais pragas observadas na região foram o vira-cabeça e a mosca branca, mas estas estavam sendo controladas com sucesso até o final de fevereiro.

Frutos da safra de melhor devem ter melhor qualidade em março

A colheita da safra de verão deve começar a perder ritmo neste mês. A expectativa é que 16% da área prevista para a temporada seja ofertada



Preço sobe em fevereiro

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

até o fim de março, totalizando pouco mais de 14 milhões de pés. Esse total deve se somar ainda com cerca de 2 milhões de plantas que deverão ser colhidas da temporada de inverno, totalizando, portanto, 16 milhões de pés de tomate disponíveis. Apesar do menor ritmo de atividades no período, o volume de tomates no mercado nacional não deve se reduzir tão expressivamente, devido à expectativa de melhor produtividade das lavouras na comparação com os frutos colhidos fevereiro. Produtores de Itapeva (SP), Caçador (SC) e Venda Nova do Imigrante (ES) informaram que as áreas que começam a ser colhidas neste mês devem apresentar frutos de melhor qualidade, o que sustenta a expectativa de boa produtividade nesta temporada. Em fevereiro, as chuvas comprometeram significativamente a qualidade dos frutos ofertados por essas praças, e tomaticultores praticamente perderam os frutos ponteiros de lavouras com maturação mais avançadas devido à ocorrência de manchas bacterianas, abortamento dos frutos e fungos.

Safra de rasteiro começa em SP, GO e MG

A colheita de tomate rasteiro destinado à indústria começa neste mês nos estados de São Paulo, Goiás e Minas Gerais. A concentração das atividades no campo deve ocorrer em agosto e setembro, com encerramento previsto para novembro. Até o fim deste mês, o plantio de tomate rasteiro já deve alcançar 30% do total cultivado, se encerrando em julho. De acordo com colaboradores, a expectativa quanto a área a ser cultivada nesta safra ainda é bem incerta, com possível queda nos investimentos. Isso se dá pelos problemas causados pela seca, principalmente em São Paulo e Minas Gerais, além do receio de baixa produtividade e altos custos para os produtores com a valorização do dólar frente o Real. Além disso, as indústrias de atomatados ainda possuem um bom volume de pasta de tomate em estoque, reduzindo a necessidade de matéria-prima, pelo menos no primeiro semestre deste ano.



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com

Sementes de tomate híbrido Blueseeds.
Sua paisagem produtiva.

Olhar para o horizonte e ver produtividade é o objetivo de todo o produtor. Conheça sementes de tomate que foram desenvolvidas e melhoradas para gerar excelentes frutos, de ampla variedade, resistentes a várias doenças e que se adaptam a diversas regiões do Brasil, garantindo uma paisagem de dar orgulho.

Blueseeds, resultados no azul. Vermelho, só o tomate.

www.blueseeds.com.br

Distribuidor  no Brasil.

Praça dos Crisântemos, 110 - Jardim Holanda
Holambra/SP • Tel: +55 (19) 3802.2588


Blueseeds



Cebola argentina chega mais cedo em 2015

As importações de cebola da Argentina começaram em fevereiro, um mês antes do período habitual. Essa antecipação ocorreu devido à pouca oferta no Sul, que já vinha com uma menor área cultivada e, neste ano, recuou ainda mais. Além disso, por mais um ano houve quebra de safra. Assim, a oferta deve finalizar antes do previsto em Ituporanga (SC) e São José do Norte (RS), o que deve resultar em uma grande volume de importação da argentina esse ano. Os valores do bulbo argentino foram elevados no começo das importações. Em fevereiro, o preço ao produtor era de cerca de 80 pesos argentinos, o equivalente a R\$ 35,00/sc de 20 kg do tipo caixa 3 – normalmente os valores giram entre 30 e 35 pesos (R\$ 10,00/sc). Apesar das altas cotações, foram semelhantes ao valor pago pela cebola do Sul. A colheita deve se aquecer na Argentina neste mês, cenário que favorece a redução dos preços.

Sulistas fecham safra com bons preços, apesar das quebras

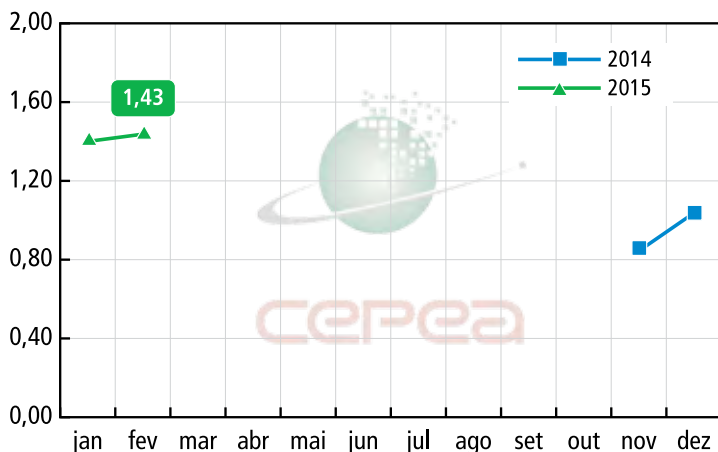
Ao que tudo indica, a temporada 2014/15 de crioula de Ituporanga (SC) deve se encerrar com preços satisfatórios. Do início da safra, em novembro/14, até o mês passado, a cultivar crioula se valorizou 78%, fechando fevereiro a R\$ 35,82/sc de 20 kg de caixa 3. Apesar desse bom desempenho, produtores da região catarinense não devem obter lucros expressivos, visto que houve forte quebra no

início da safra, com descarte estimado em até 15%. Assim, as lavouras tiveram menor produtividade, o que pressionou a rentabilidade desses agricultores. Isso porque parte dos lucros obtidos com os elevados preços em janeiro e fevereiro tem sido revertida para arcar com os prejuízos, ocasionados principalmente pela cultivar superprecoce, que foi a mais atingida pelas intempéries climáticas. O granizo e a seca prolongada durante o desenvolvimento dos bulbos reduziram o calibre das cebolas em cerca de metade do volume produzido, o que elevou significativamente os custos de produção em relação aos anos anteriores. Até o final da safra, em março, os preços no Sul devem continuar em alta, uma vez que Ituporanga e Irati (PR) devem comercializar os últimos bulbos.

Seca deixa produtores do Cerrado cautelosos quanto à área

Com a falta de água nas regiões produtoras de Minas Gerais e Goiás no início do plantio (dezembro e janeiro), agricultores se mantêm cautelosos quanto à manutenção de área. Alguns colaboradores informaram que a área pode permanecer igual ou até mesmo cair 10% frente à temporada passada. A migração dos produtores de outras regiões, como São José do Rio Pardo (SP), por exemplo, para o Triângulo Mineiro, corriqueiro na última safra, não ocorreu, uma vez que o valor da terra em MG. Além disso, a baixa umidade na região desestimula novas migrações dos agricultores paulistas. O plantio no Cerrado foi iniciado em fevereiro, mas alguns produtores optaram por adiantá-lo, o que pode ser uma tática arriscada. Isso porque a colheita antecipada ocorrerá em abril, período de desenvolvimento da planta com elevada incidência de chuvas. No Triângulo Mineiro, apesar da incidência de chuvas rápidas em algumas localidades, não tem havido volume suficiente para reabastecer os reservatórios. Essa situação não prejudica apenas o plantio, mas também o período de germinação dos bulbos. A colheita será iniciada em meados de março, com pico em julho, quando também ocorre maior comercialização.

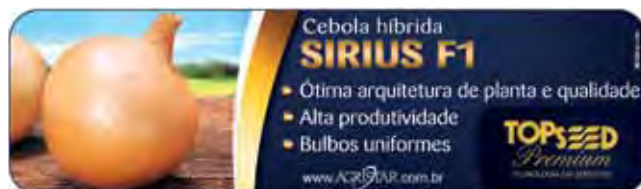
Importações da Argentina começam com preços elevados



Preço continua subindo em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea



Chegaram no mercado Brasileiro os novos Italianos da Eagle.



Tecnologia
com pacote completo de resistências
em nossos produtos

innoun

**TOMATE
INTI**



**TOMATE
PUGLIA**



RESISTÊNCIAS:
V, N, F3, TSWV, TYLCV

PR, Sul de MG e RS encerram trabalhos em março

Em março, deve encerrar o plantio de batata da safra das secas 2015 em Curitiba, Ponta Grossa, Irati e São Mateus do Sul (PR), no Sul de Minas Gerais e em Ibiraiaras (RS). As atividades se iniciaram em janeiro, e o pico ocorreu no mês passado, exceto em Irati, que deverá intensificar em março. Houve bom volume de chuva em fevereiro em algumas regiões, como no sul mineiro, onde houve atraso no plantio. Também houve precipitações nas regiões produtoras do Paraná, mas o ritmo das atividades de campo não chegou a ser comprometido. Paranaenses informaram que o clima foi mais favorável nesta temporada das secas frente à passada, com volume adequado de chuvas para o desenvolvimento das plantas. Além disso, as temperaturas seguem mais amenas, o que é favorável à produção. Em Ibiraiaras, também houve um pouco de atraso no início do plantio por conta do clima chuvoso, mas sem relatos de perdas. Em relação à área da temporada das secas, deve se manter, com exceção das roças de Curitiba e Irati. A região da capital paranaense deve ter recuo na área em 6,5%, devido à oferta limitada de batata-semente, que acabou sendo negociada para o mercado de mesa em meio às boas cotações obtidas na safra das águas 2014/15. Já em Irati deve ter aumento de área em 12,7%, motivado pelos bons resultados financeiros nas últimas temporadas. A colheita da safra das secas deverá começar em maio nessas praças.

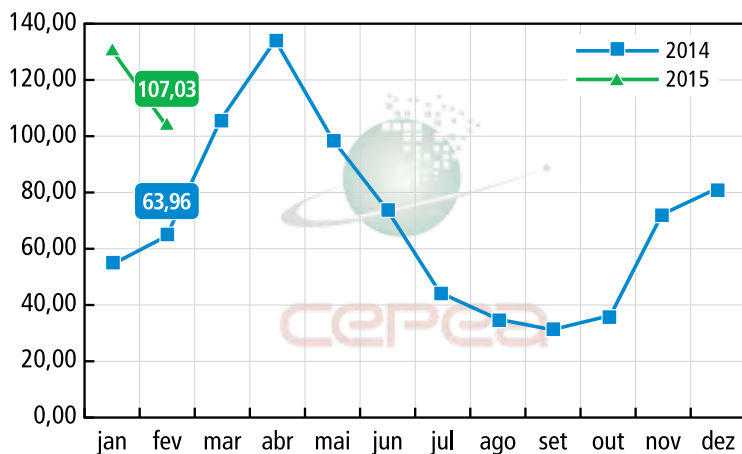
Água Doce, Bom Jesus e Triângulo estão em pico de colheita

Água Doce (SC), Bom Jesus (RS) e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba devem registrar pico de colheita da safra das águas 2014/15 neste mês. As praças sulistas iniciaram a colheita em janeiro e devem ter um maior volume de colheita agora em março, chegando a 30% da área total em Água Doce e 22% em Bom Jesus. As atividades de campo devem seguir na região até o início de junho. Em SC, o plantio tem sido realizado normalmente, e as chuvas em volume adequado têm garantido batatas de boa qualidade. A produtividade em Água Doce aumentou em fevereiro, na comparação com o mês anterior, indo de 30 t/ha para 36 t/ha, em decorrência das melhores condições climáticas. Já em Bom Jesus, o excesso de chuva durante o cultivo trouxe severas perdas à região. Com isso, a produtividade tem sido de 24 t/ha, o que representa quebra 20% frente à capacidade produtiva da região. No Triângulo Mineiro, já foram colhidos 24% da área até o fim de fevereiro, e deverão ser colhidos mais 38% em março. Em fevereiro, a produtividade na região mineira foi de 27,5 t/ha.

Seca afeta qualidade e preços oscilam nas praças mineiras

Os preços da batata negociada no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e no Sul de Minas Gerais variaram bastante no mês passado. Os valores oscilaram de R\$ 60 a 115/sc de 50 kg em fevereiro, em função da divergência na qualidade dos tubérculos. Em ambas as regiões, o plantio da safra das águas foi prejudicado pelo clima seco e quente no final do ano passado, uma vez que muitos dos bataticultores mineiros não possuem irrigação. Com isso, as batatas colhidas em fevereiro estiveram com qualidade inferior, com a maior parte dos tubérculos apresentando baixo calibre e cor escura. Caso as precipitações continuem nas regiões mineiras em março, a disparidade de preços na comparação com as demais regiões pode ser amenizada. Neste mês, o Triângulo Mineiro e o Sul de MG seguem em plena colheita da safra das águas, colhendo, respectivamente, a 38% e 10% das áreas plantadas.

Clima em 2015 está mais favorável ao plantio das secas



Preço cai em fevereiro, mas continua elevado

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo -107,03 R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca





Precipitações recuperam qualidade do tubérculo em MG

Apesar da seca, rentabilidade do produtor mineiro é alta

Em Minas Gerais, principal estado produtor de cenoura do País, as boas chuvas ocorridas em fevereiro amenizaram parte dos problemas que vinham sendo ocasionados pela seca. Produtores relataram que houve elevação do nível de reservatórios próximos às regiões produtoras, que estavam críticos devido ao longo período de estiagem. Dessa forma, o plantio e desenvolvimento das raízes devem ser beneficiados neste mês. Nesse sentido, é esperada melhora na qualidade das cenouras que serão colhidas em março, pois até então estavam apresentando aspecto miúdo, enrugado e murcho. Apesar da baixa qualidade até então, produtores da região têm conseguido boas cotações pela comercialização da raiz. A caixa “suja” de 29 kg foi comercializada em fevereiro por R\$ 31,94, valorização de 41,84 % em relação ao mês anterior e 115,16% maior em comparação com o mesmo mês de 2014.

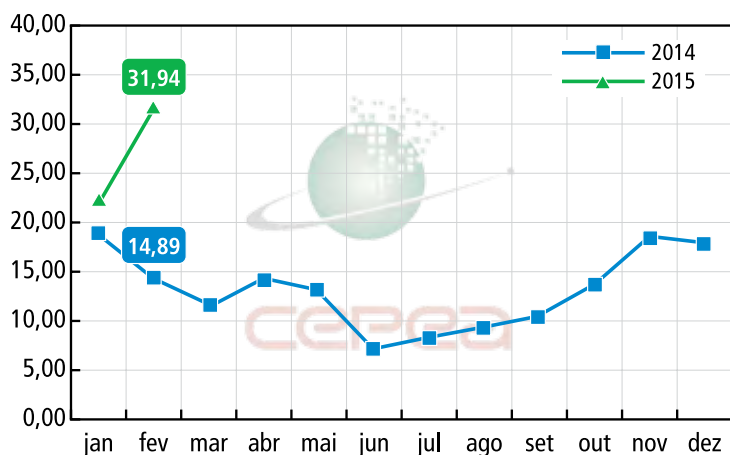
Oferta pode aumentar em março na Ceagesp

Como consequência da melhora nas condições climáticas nas regiões produtoras, sobretudo em Minas Gerais, a oferta de cenouras na Ceagesp tende a aumentar em março. Além disso, o cenário deve favorecer a melhora na qualidade das raízes ofertadas, pois em janeiro e fevereiro as cenouras estiveram abaixo do padrão por conta da seca. Em fevereiro,

os preços subiram no atacado paulistano, como resultado dos elevados descartes em razão da baixa qualidade. Além disso, a greve de caminhoneiros, que limitou o transporte de mercadorias em várias estradas brasileiras no fim de fevereiro, prejudicou parcialmente o abastecimento de cenouras à Ceagesp, restringindo um pouco a oferta. Isso porque as regiões mais afetadas pela paralisação foram as do Sul do País, onde os protestos foram mais intensos. Como a principal região fornecedora de cenouras para a Ceagesp é Minas Gerais, o impacto das manifestações não foi tão intenso. Assim, a caixa de cenoura do tipo 3A foi vendida em fevereiro à média de R\$ 46,86, valor 49% superior ao de janeiro.

Preço na parcial da safra atual fica acima de 2013/14

Os preços foram elevados nos dois primeiros meses da temporada de verão 2014/15. No acumulado do período, nas praças de Cristalina (GO), Marilândia do Sul (PR) e São Gotardo (MG), a média da caixa de cenoura “suja” de 29 kg foi de R\$ 26,97, 57,54% acima do valor do mesmo período de 2014, de R\$ 17,11/caixa. A produtividade média dessas regiões, por sua vez, foi de 59,17 t/ha em janeiro e fevereiro. Contudo, nestes dois primeiros meses da safra de verão, houve elevação no custo, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na média dessas três regiões, o valor mínimo estimado pelos produtores para o período foi de R\$ 12,88/cx, 6,28% acima do primeiro bimestre de 2014. Segundo produtores consultados pelo Cepea, os principais fatores que causaram elevação no custo foram a mão de obra e a valorização de insumos importados, dada a desvalorização do Real frente ao dólar. O plantio desta temporada se iniciou em setembro nas principais regiões produtoras, exceto no Rio Grande do Sul. Devido ao clima mais frio, os agricultores gaúchos terminam a safra um mês depois das demais regiões produtoras. Dessa forma, a colheita segue o calendário normal, com início em janeiro e com previsão de término em julho, exceto nas praças do Rio Grande do Sul, que devem terminar a safra em agosto.



Seca e baixa oferta valorizam cenoura em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



Melancias de SP e BA devem predominar até abril

Colheita tem início no interior paulista

A safrinha da melancia na região de Oscar Bressane (SP) começa no início de março, enquanto produtores de Itápolis (SP) devem ofertar a fruta somente a partir da segunda quinzena. Desta forma, as melancias produzidas em São Paulo e em Teixeira de Freitas (BA) predominarão no mercado até abril. Segundo produtores, o desenvolvimento das lavouras paulistas está satisfatório neste mês. As chuvas, que estavam escassas em São Paulo, voltaram de forma mais regular desde fevereiro, contribuindo para a finalização das atividades de plantio em ambas as regiões. Porém, apesar de aliviar a situação das lavouras, produtores paulistas estavam preocupados quanto ao excesso de chuva no fim de fevereiro, o que pode ocasionar perdas devido à incidência de doenças, impactando na produtividade e qualidade das melancias. Até o fechamento desta edição, a irrigação ainda não era necessária em SP.

Clima segue favorecendo qualidade da melancia na BA

A colheita de melancia na região de Teixeira de Freitas (BA) seguiu em bom ritmo em fevereiro, e deve continuar firme durante todo o mês de março. Produtores estão bastante otimistas com o desempenho da safra, visto que o clima tem sido favorável à qualidade das melancias. No geral, praticamente não houve chuvas duran-

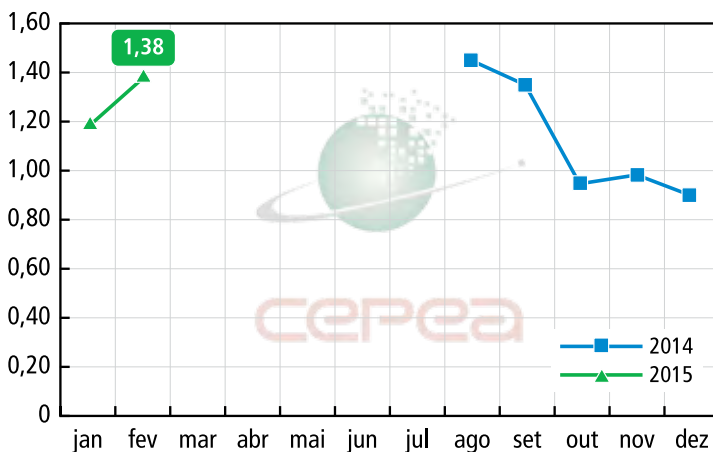
te o período de colheita na região, o que garantiu a sanidade das lavouras e contribuiu para a melhora do sabor. Além disso, as condições climáticas devem contribuir para uma boa produtividade média (em toneladas por hectare), pois o calibre das frutas graúdas colhidas na região tem registrado média de 15 a 16 kg por unidade. Assim, agricultores seguem animados com a cultura, assim como com os preços, que também têm sido satisfatórios.

Com a volta da chuva, transplântio se intensifica em GO

Com as chuvas mais volumosas em fevereiro, as atividades de transplântio na região de Uruana (GO), que abrange as cidades de Jaraguá, Carmo do Rio Verde, Itaguara, Itaguari e Ceres, devem se acentuar neste mês. Em fevereiro, alguns produtores chegaram a arriscar o plantio, mas o clima quente e seco até metade do mês não foi favorável, atrasando o início da atividade. Dessa forma, o pico de plantio deve ocorrer entre os meses de junho e julho. Como os produtores locais conseguiram resultados positivos na temporada 2014, muitos têm expectativa de aumentar os investimentos neste ano. Contudo, a maioria ainda está com receio de que o tempo volte a ficar mais seco, limitando aumentos em área na região.

Fim da safra sulista adianta para este mês

O fim da colheita de melancia no Rio Grande do Sul deve adiantar este ano, ocorrendo já em março. A última região gaúcha a colher a fruta é Bagé. Segundo produtores, a previsão inicial era de ofertar a fruta até meados de abril, mas segundo agentes, o bom volume de chuvas no estado gaúcho durante o período mais intenso de colheita (em dezembro/janeiro) prejudicou a qualidade e a produtividade das lavouras, e conseqüentemente, a rentabilidade de produtores. Isso porque a média de preço da melancia graúda (>12 kg) durante a safra do Sul (novembro a março), foi de R\$ 0,52/kg.



Com baixa oferta, preço segue em alta em fevereiro

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil

Produtividade, resistência ao transporte e qualidade. Seja qual for a sua necessidade, existe um híbrido da Syngenta para ela.



Produtividade na plantação



Resistência ao transporte



Qualidade da fruta



Produtividade com pós-colheita.



Precocidade com resistência ao transporte.



Sabor inigualável.

syngenta®



Volume da safra 2015/16 de laranja ainda é incerto

Efeitos da seca são distintos nas regiões produtoras de SP

Os efeitos da seca nos pomares de laranja de São Paulo ainda são incertos. Isso porque em cada região são distintas as condições das plantações, o que dificulta quantificar a safra 2015/16. Na região sudoeste do estado (Avaré), os danos da estiagem foram minimizados, visto que o regime de chuvas neste verão foi um pouco mais regular. Assim, produtores desta região esperam safra semelhante à de 2014/15. Já na região leste (Limeira), as perdas da primeira florada foram acentuadas, mas houve “pegamento” de parte da segunda floração. Assim, os prejuízos, apesar de existentes, foram menos acentuados que em outras localidades. No norte do cinturão citrícola (Bebedouro), a seca e o calor foram bastante acentuados, o que limitou o “pegamento” das primeira e segunda floradas. Ainda assim, houve fixação de parte das flores, além da abertura de outras no final de 2014. No centro do estado (Araraquara), os danos parecem ser os mais severos entre as regiões produtoras, com algumas áreas inclusive podendo não ter produção na safra principal.

Florada em fevereiro?

O regime de chuvas se recuperou no estado de São Paulo em fevereiro, induzindo a floração em alguns pomares em pleno mês de fevereiro e para diversas variedades – principalmente nas áreas da região central. Segundo colaboradores, as novas aberturas foram intensas para o período e ocorre-

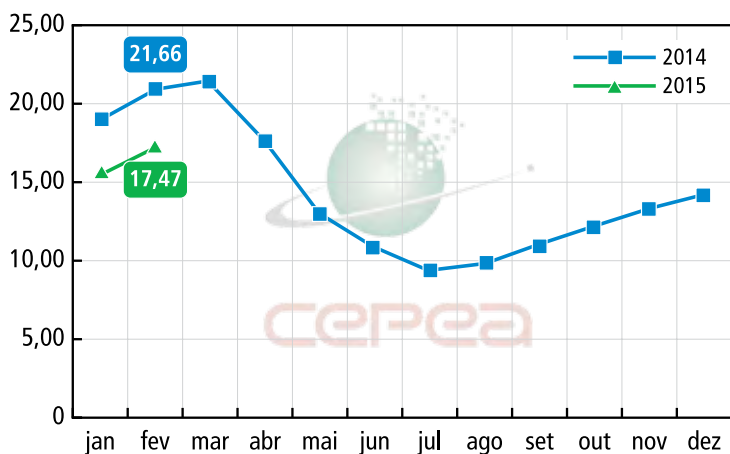
ram principalmente nos pés de sequeiro, onde o abortamento da florada principal foi quase total. Esse cenário ocorreu em função do baixo índice de chuva e o forte calor em dezembro e janeiro, que estressaram novamente as plantas. De acordo com colaboradores, estas frutas deverão ser comercializadas cerca de cinco meses após o pico de oferta de suas respectivas variedades. Dessa forma, caso haja bom “pegamento” das flores, a quebra de safra na região central pode ser amenizada.

Preços no spot podem ficar abaixo do esperado em 15/16

A divulgação da estimativa da CitrusBR, de que os estoques das indústrias podem encerrar a safra 2014/15 (junho/15) maiores que os previstos anteriormente, em 447 mil toneladas, pode limitar a reação nos preços pagos pelas indústrias no spot em 2015/16. Isso porque essa quantidade é considerada confortável para as processadoras, contudo, mesmo com bons volumes de suco em estoque, estas dependerão da produção paulista em 2015/16 para finalizar a temporada novamente acima do nível estratégico de suco. Assim, o cenário de preços segue bastante incerto, e há temores de que os valores se mantenham abaixo dos custos de produção por mais uma safra.

Preço da tahiti é firme, mesmo em safra

As cotações da lima ácida tahiti se mantiveram em fevereiro em patamares considerados firmes. Neste ano, ainda não houve disponibilidade suficiente para caracterizar pico de oferta, mas o volume disponível tem se ajustado à demanda. A média de preço da tahiti foi de R\$ 9,43/cx de 27 kg, colhida, queda de 6,2% em relação a fevereiro de 2014. Em relação ao mesmo período de 2013, contudo, houve aumento de 113,4%. Um fator que tem contribuído para amenizar as desvalorizações é o bom desempenho das exportações e a absorção de frutas de baixa qualidade pela indústria. Segundo a Secex, o Brasil exportou 16,8 mil toneladas de limões e limas em janeiro e fevereiro de 2015, aumento de 0,8% ante o enviado primeiro bimestre do ano passado.



Valorização da pera é abaixo do esperado

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea





Oferta aumenta e preços podem recuar em março

Produtores do Vale intensificam colheita

A oferta de melões deve seguir reduzida até meados de março no Vale do São Francisco (BA/PE), quando a colheita da nova temporada deve avançar. No final de fevereiro, alguns melonicultores já não tinham mais melão na roça. Em relação à produção da temporada atual, produtores do Vale estão bastante preocupados com a crise hídrica e temem redução da irrigação e, conseqüentemente, da produtividade na região. Por outro lado, o baixo volume de chuvas garante a boa qualidade da fruta e facilita as vendas. Com a reduzida oferta na praça em fevereiro, os preços do melão amarelo estiveram elevados. A partir de março, com a maior disponibilidade, podem ocorrer desvalorizações.

Crise hídrica preocupa melonicultores do Vale

O maior reservatório do Rio São Francisco, o lago de Sobradinho, estava com apenas 17% de sua capacidade no final de fevereiro, em decorrência da falta de chuva nos afluentes do rio nos estados de Minas Gerais e Bahia. Esse cenário preocupa agricultores do perímetro irrigado do Vale do São Francisco, pois o período em que a bacia do São Francisco recebe água das chuvas se encerra em abril. Além disso, dados climatológicos mostram que as precipitações seguem abaixo do esperado e não devem ser suficientes para reabastecer os reservatórios. Para tentar amenizar os prejuízos, no ano passado, foi criado um grupo de

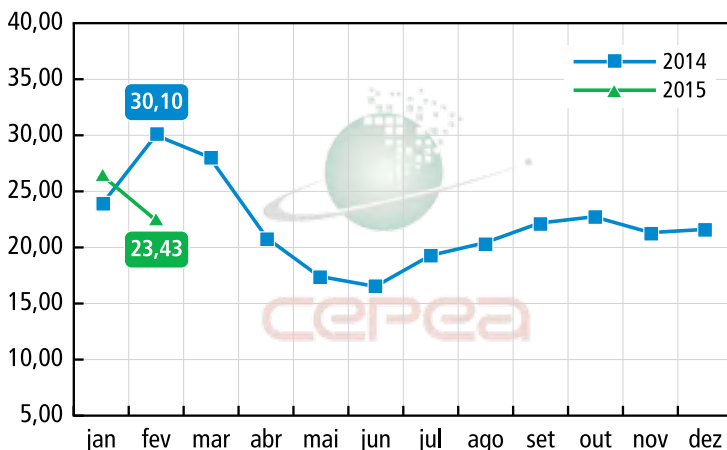
trabalho que visa planejar ações que minimizem os efeitos da baixa vazão dos reservatórios da região nordestina. Ações como o desassoreamento de canais já foram realizadas em algumas áreas e em outras estão em fase de implantação. Além disso, em meados de fevereiro/14, ocorreu na região o Fórum Emergencial sobre a crise hídrica no Vale, no qual foram discutidos os principais impactos e alternativas para a falta de água para a agricultura local.

Safra de melão no RN/CE se aproxima do fim

O período de entressafra do melão do Rio Grande do Norte/Ceará deve se iniciar no final de março - a safra na região ocorre entre agosto e março. Estimativas apontam que, na entressafra, a área deva ser estável neste ano frente a 2014, quando a área ativa na entressafra foi 10% do total. Porém, produtores ainda aguardam as chuvas de março para decidir qual será a área nesse período. Se o volume de precipitações for insatisfatório, pode haver redução no plantio e produtores devem poupar água para a campanha 2015/16. Na entressafra, produtores potiguares e cearenses devem seguir com a colheita apenas do melão amarelo.

Exportações de melão para a UE recuam em janeiro

Os embarques de melão para a União Europeia caíram 48% em fevereiro no comparativo com janeiro, totalizando 13,9 mil toneladas, de acordo com dados da Secex. Com a proximidade do final da safra no RN/CE, a quantidade da fruta enviada ao exterior foi se reduzindo, de modo que os envios já foram menos significativos em fevereiro e março. Na parcial da safra, porém - agosto/14 a fevereiro -, o envio de melões ao bloco europeu foi 11,6% maior frente ao mesmo período da temporada anterior. A boa qualidade da fruta e a alta do dólar frente ao Real favoreceram a fruta brasileira no cenário internacional. Assim, o volume enviado ao exterior na safra 2014/15 deverá ser superior ao da campanha 2013/14.



Preço cai com aumento da oferta no País

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepeca





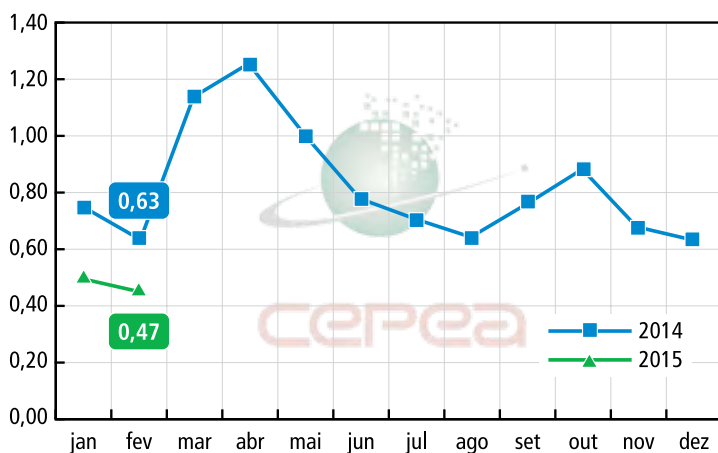
Com volta às aulas, vendas de banana se aquecem

Preços devem reagir com menor oferta de nanica

Em março, a oferta de nanica deve continuar diminuindo. Além disso, pode haver maior demanda devido ao retorno efetivo das compras para merenda escolar. Assim, o preço da variedade deve subir gradativamente até o final do mês, garantindo bons ganhos aos produtores que tiverem nanica de boa qualidade para ofertar. Já desde o começo do ano, a banana nanica esteve desvalorizada no mercado doméstico por conta da elevada oferta. As principais regiões produtoras da variedade, Vale do Ribeira (SP) e norte de Santa Catarina, estavam produzindo muita fruta e a negociação não era tão aquecida. Durante fevereiro, a cotação média da banana nanica catarinense foi de R\$ 0,18/kg, valor muito próximo ao mínimo estimado por produtores para cobrir os custos de produção por unidade da fruta. Dessa forma, a rentabilidade dos bananicultores paulistas e catarinenses esteve baixa nos primeiros meses de 2015. A partir da segunda quinzena de fevereiro, no entanto, a oferta de nanica começou a diminuir, mas produtores ainda não estavam conseguindo boas vendas. Isso porque, a demanda ainda não era suficiente para absorver toda oferta, principalmente por conta das férias escolares e do recesso de Carnaval.

Falta de água prejudica bananicultura de MG

Uma das principais preocupações de bananicultores do norte de Minas Gerais tem sido a seca.



Com elevada oferta, preço da nanica cai em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea

Em 2014 e no início deste ano, a escassez de água foi amenizada com a utilização, mesmo que parcial, de irrigação. Porém, daqui para frente, o problema pode ser agravado, pois caso a falta de chuva persista, pode haver limitação ainda maior do volume disponível para agricultura mineira, dando preferência ao consumo doméstico. Segundo produtores, caso o racionamento entre em prática, a produtividade na região poderá cair consideravelmente. Além disso, a qualidade da fruta pode ser prejudicada, gerando bananas menores e mais finas, o que leva à queda nos preços. Para tentar amenizar os riscos, um comitê que reúne os produtores mais tradicionais de MG, está desenvolvendo um trabalho em parceria com universidades da região para ensinar pequenos e médios bananicultores quanto à utilização ideal das estruturas de irrigação. Este projeto pretende reduzir em até 20% os gastos com água e energia, tornando a produção de banana mais sustentável. A expectativa é que os trabalhos se iniciem em abril no Projeto Jaíba, na cidade de mesmo nome, e no Gortuba, no município de Janaúba.

Baixa qualidade reduz exportações no começo de 2015

Os envios brasileiros de banana ao Mercosul caíram 13,7% no primeiro bimestre de 2015 frente ao mesmo período de 2014, somando 9,8 mil toneladas, segundo a Secex. A receita obtida foi de US\$ 2,8 milhões, queda de 22,8%. O principal fornecedor de banana para este bloco é Santa Catarina e a queda nas exportações neste início de ano foi causada pela menor qualidade que a banana apresentava ao chegar ao destino. As perdas durante o transporte até os países compradores aumentaram com o calor, que foi mais agressivo neste ano, quando comparado ao ano passado. Com isso a demanda pela fruta brasileira diminuiu. Em março, com as menores temperaturas, exportadores esperam que a fruta chegue com melhor qualidade ao exterior e que com isso a demanda e os preços aumentem. Um entrave para exportações nos próximos meses pode ser a queda na produtividade. Com isso os envios podem continuar baixos, mas o preço pago pela banana brasileira, no exterior, deve aumentar.





Colheita de palmer começa no Nordeste

Livramento inicia safra com boas perspectivas

Neste mês, alguns produtores da região de Livramento de Nossa Senhora (BA) darão início à colheita da *palmer* desta temporada, principal variedade ofertada na região. Produtores estão otimistas com a produtividade esperada para esta temporada, pois com a manutenção da irrigação de 12 horas semanais, os pomares estão mantendo a vitalidade. Além disso, neste ano se inicia a primeira colheita das mangueiras que foram plantadas em 2012 e que tendem a ser mais produtivas. Mas, por enquanto, ainda serão poucos os pomares que terão frutas novas prontas para colheita em março. As atividades, no geral, devem se intensificar apenas entre maio e junho.

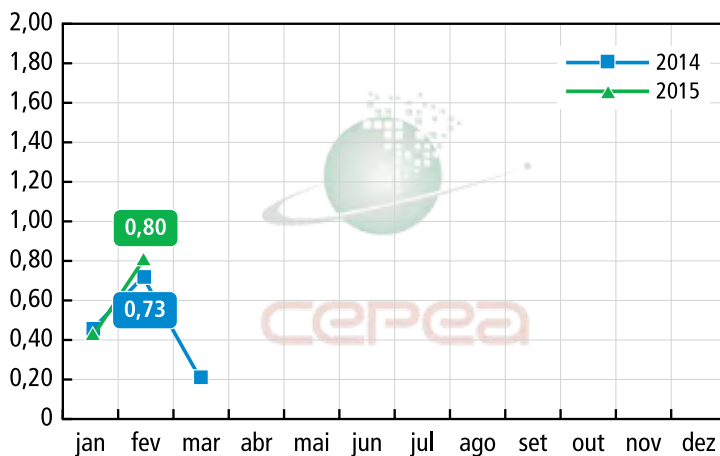
Apesar da seca no Vale, volume colhido deve se manter

A colheita de manga também deve avançar um pouco na região do Vale do São Francisco neste mês. O volume ofertado pelos produtores locais tem sido reduzido desde o final do ano passado, e as estimativas indicam a colheita de bons volumes somente a partir de maio. Devido à seca, a região tem passado por problemas para irrigar. Ainda assim, mangicultores do Vale acreditam que o volume de manga colhido durante o primeiro semestre de 2015 seja semelhante ao do mesmo período de 2014. Já em relação ao segundo semestre, apesar de ainda ser cedo para qualquer estimativa, produtores

esperam uma safra volumosa e produtiva. Contudo, se o atual período de chuva do Nordeste não for suficiente para regularizar o nível dos reservatórios, a produção de manga pode ser afetada. Em fevereiro de 2014, a barragem de Sobradinho (abastecida pelas águas do Rio São Francisco) estava com 40% de sua capacidade e, em fevereiro deste ano, em 17%.

Safra paulista tem rentabilidade menor que em 2013/14

A safra de Monte Alto/Taquaritinga 2014/15 se encerra neste mês com a colheita da *palmer*. No entanto, nesta temporada muitos produtores finalizaram os trabalhos antes do previsto, com resultados inferiores aos obtidos na safra passada (2013/14). Prejudicada pela falta de chuvas durante o segundo semestre de 2014, a produtividade ficou 15% menor que a potencial da região tanto para *tommy* quanto para a *palmer*. De dezembro a fevereiro, o preço médio da *palmer* foi de R\$ 0,56/kg, 12% inferior ao mesmo período passado. Mesmo assim, a variedade ainda proporcionou rentabilidade positiva. Quanto a *tommy*, produtores já haviam encerrado a colheita em janeiro. O calibre pequeno das frutas reduziu o preço do produto paulista. De novembro/14 a janeiro/14, a média da *tommy* na região foi de R\$ 0,44/kg, queda de 15% na comparação com o mesmo período de 2013/14. Em alguns momentos, produtores chegaram a vender as mangas por valores abaixo de R\$ 0,35/kg, semelhante ao preço pago pela indústria de suco, e praticamente igual aos custos de produção. Assim, somente os mangicultores paulistas que conseguiram irrigar seus pomares durante a seca e, assim, obtiveram fruta com qualidade superior, puderam contar com uma boa rentabilidade. Para a próxima safra, é importante que chova durante o segundo semestre do ano em Monte Alto/Taquaritinga, para favorecer o desenvolvimento dos frutos. Esse cenário evitaria que a região sofresse novamente com a seca e abortamento de frutos e redução do calibre. Produtores ainda não estão buscando alternativas para aliviar a situação caso a seca ocorra novamente, mas acreditam que as condições climáticas devem melhorar.



Palmer tem nova valorização em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores de Monte Alto/Taquaritinga pela *palmer* - R\$/kg

Fonte: Cepepa





Safra do 1º semestre do Vale do São Francisco é incerta

Chuva beneficia parreirais, mas pode causar danos

Viticultores do Vale do São Francisco temem que haja quebra de safra de uva no primeiro semestre de 2015, ocasionada pela seca. Porém, até o final de fevereiro, não havia estimativas de grandes perdas na produção da região. Isso porque as chuvas de janeiro e fevereiro trouxeram alívio aos parreirais locais. Por outro lado, alguns produtores do Vale relataram perdas, ocasionadas pelas precipitações recentes. Com as plantas fragilizadas pelo clima bastante seco dos últimos meses, a forte chuva afetou as frutas, com impacto tanto na produção quanto na qualidade. Porém, para os próximos meses, há previsão de clima menos úmido. Segundo o Cptec/Inpe, há probabilidade de precipitações com volumes entre a normal e abaixo do habitual para o período e de temperaturas de habituais a acima da média. Caso este cenário se confirme, produtores devem ficar atentos quanto a prováveis impactos negativos na cultura.

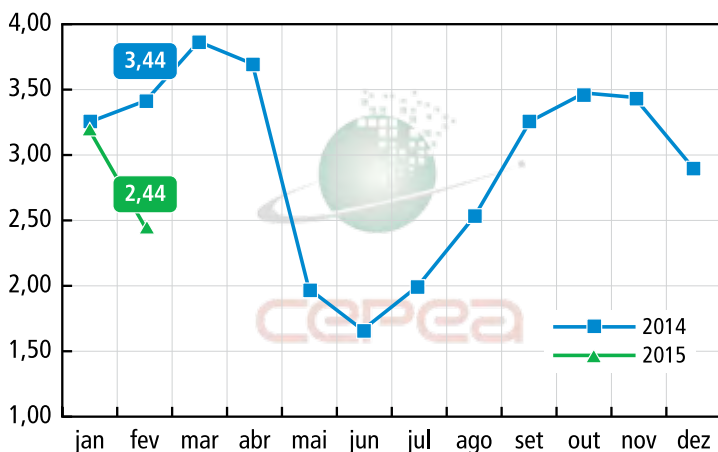
Com maior produção, Argentina exporta mais para o BR

As importações brasileiras de uva aumentaram 8% em fevereiro, na comparação com de fevereiro/14, para 7,8 mil toneladas, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esse aumento foi influenciado, sobretudo, pela recuperação nos envios da Argentina ao Brasil, que teve uma boa produção neste período, em razão das

condições climáticas favoráveis. Os envios de uva argentina aumentaram 121% em janeiro/15 frente ao mesmo mês de 2014. Segundo dados da Secex, o Brasil importou pouco mais de 2,5 mil toneladas do país vizinho em fevereiro deste ano, correspondendo a 32,4% do total importado. Dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam colheita de 140 mil toneladas de uva nesta safra da Argentina, o dobro da registrada na anterior. Especificamente na temporada 2013/14 houve queda na produção argentina por conta de geadas. Além disso, o tratamento com brometo de metila prejudicou a qualidade das frutas, o que impactou nas exportações no período. Mesmo com esse incremento das compras da Argentina, o Chile continua como principal fornecedor da fruta ao Brasil, com 55,5% do total adquirido. Porém, com os sinais de que a produção da fruta argentina esteja se recuperando, o volume total importado daquele país pelo Brasil pode recuperar a queda brusca observada no ano passado.

Precipitações podem prejudicar safra de uva industrial

A safra de uva industrial 2015 está estimada entre 600 e 650 milhões de quilos, queda na comparação com os 602,11 milhões de 2014, segundo o Ibravin. Porém, as chuvas constantes nos parreirais do Sul do País nos últimos meses podem reduzir ainda mais a safra. Isso porque a umidade interfere no amadurecimento da uva, que fica mais desuniforme, podendo causar prejuízos ao produtor como perdas e aumento dos custos, uma vez que os viticultores não conseguem colher toda a produção de uma só vez. Apesar desses entraves, o setor continua otimista quanto à comercialização, sobretudo de suco de uva integral em 2015. A colheita da atual temporada se iniciou no final de dezembro, com as variedades mais precoces para a produção de espumantes. A maioria dos produtores, no entanto, iniciou a temporada entre janeiro e fevereiro – até a o final do mês passado cerca de 50% da área já tinha sido colhida. A temporada 2015 deve se estender até a primeira quinzena de março.



Demanda fraca desvaloriza uva em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg



Fonte: Cepeca





Irrigação insuficiente afeta qualidade do mamão

Mesmo com chuva, prejuízos continuam no SE

Com o volume de chuva abaixo do necessário nos últimos meses, a produção de mamão foi prejudicada no Espírito Santo e norte de Minas Gerais. Mesmo com o aumento das precipitações em fevereiro, o volume de água nos rios e reservatórios continua abaixo do ideal e insuficiente para que a irrigação seja normalizada. Dessa forma, a qualidade e a produtividade da fruta podem continuar insatisfatórias nos próximos meses, afetando, assim, o ganho do produtor. Com isso, os investimentos com a cultura para o próximo semestre podem ser limitados nessas regiões. Segundo previsões do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), entre março e maio, ainda pode chover abaixo do considerado normal para a região Sudeste, de 239 mm para Linhares (ES) e 185 mm para Janaúba (MG).

Março pode ter preços mais remuneradores

O forte calor e os efeitos da seca devem reduzir a oferta de mamão em março. Isso porque o clima fez com a maturação das frutas se antecipasse e os mamões que seriam colhidos em março chegaram ao mercado em fevereiro. Com isso, as cotações podem se elevar a partir deste mês. Contrariando as expectativas iniciais do setor, em fevereiro, as cotações recuaram, como resultado

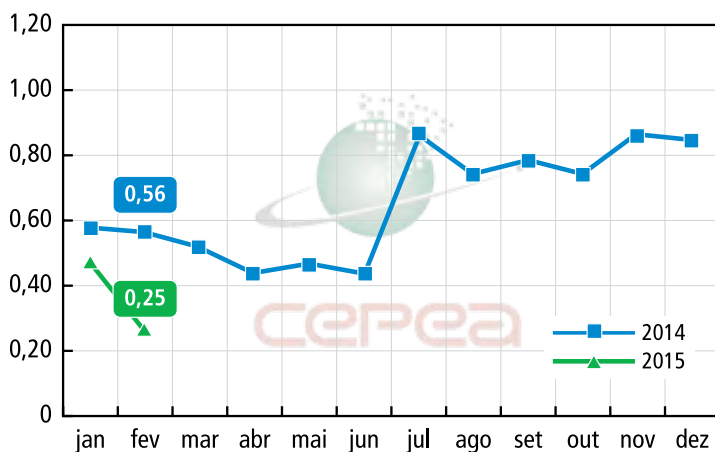
da concentração de oferta, especialmente no Espírito Santo. Além de afetar a remuneração dos produtores capixabas, o clima também reduziu os valores de venda da fruta do norte de Minas Gerais e do sul da Bahia. O mamão formosa do norte de MG foi comercializado a R\$ 0,45/kg em fevereiro, queda de 24% frente janeiro.

ES tem rentabilidade unitária negativa em fevereiro

Desde o início de janeiro, as regiões produtoras do Espírito Santo vêm enfrentando baixos preços do mamão por conta da oferta elevada. No mês passado, produtores tiveram dificuldade para comercializar a fruta, devido à demanda fraca, sobretudo por causa do Carnaval. O mamão formosa capixaba, em fevereiro, foi comercializado, em média, a preços 28% menores que o valor mínimo estipulado pelos produtores para cobrir os custos por quilo da fruta. Em março, a expectativa é de que a oferta se reduza no ES, e a rentabilidade unitária volte a ficar positiva.

Baixa qualidade reduz valor das exportações

O ano se iniciou com maior volume de mamão exportado no primeiro bimestre deste ano ante o mesmo período. Em janeiro e fevereiro, as exportações somaram 5,5 mil toneladas, volume 12% maior que no mesmo período do ano anterior, segundo dados da Secex. Porém, em receita, os envios totalizaram US\$ 6,6 milhões, queda de 7% na mesma comparação. Segundo exportadores, esse recuo no valor ocorreu por conta da baixa qualidade da fruta, que vem apresentando elevada incidência de pinta devido ao calor. Além disso, as compras para os principais parceiros do hemisfério Norte estão lentas, onde é inverno neste período do ano. Isso porque as baixas temperaturas reduzem o consumo de frutas frente aos meses mais quentes. Em março, segundo colaboradores do Cepea, só ocorrerá aumento do volume exportado se houver melhora na qualidade da fruta brasileira.



Boa oferta de formosa reduz preço em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão formosa, em R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



Qualidade da maçã tende a ser melhor neste ano

Safra sulista de fuji promete bons frutos

As expectativas para a nova safra fuji são positivas no Sul. Segundo maleicultores, a fruta se desenvolveu bem e não houve intempéries que pudessem prejudicar a qualidade da maçã. A colheita da fuji teve início em meados de março e deve seguir até maio. Segundo produtores consultados pelo Cepea, há expectativa de que produtividade da safra 2014/15 seja superior à passada. Isso porque neste ano, as condições climáticas estão mais favoráveis ao cultivo da fruta. As chuvas no final da tarde amenizam as elevadas temperaturas do dia, de modo que a maior amplitude térmica garante a coloração mais atrativa da maçã.

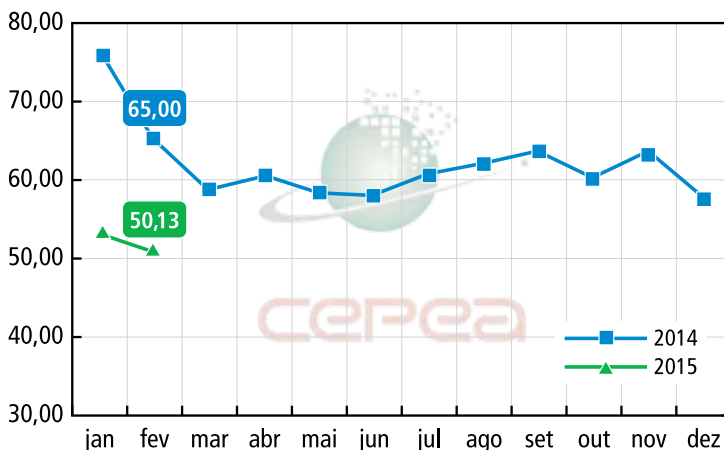
Colheita de gala se aproxima do fim

A colheita da maçã gala está prevista para terminar em março. Em fevereiro, produtores de Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS) já haviam colhido aproximadamente 95% do total, enquanto os de São Joaquim (SC) chegaram a 85% da produção. De modo geral, a qualidade da gala é superior à da safra passada, e o volume deve ser semelhante a anterior. Alguns produtores de São Joaquim, porém, relataram problemas pontuais de granizo, enquanto que os de Fraiburgo e Vacaria apontaram a incidência de Glomerella em meados de janeiro. O fungo, no entanto, foi rapidamente controlado, não ocasionando problemas significativos nas frutas. A qualidade superior de gala, porém, não tem sido suficiente para a

manutenção de preços em patamares elevados para a variedade neste início de ano. Isso porque ainda era possível encontrar fuji da campanha 2013/14 no mercado interno até meados de fevereiro. Além disso, a oferta de eva foi maior nesta safra, o que também impactou na comercialização da gala. Assim, mesmo com valores menores frente aos do começo de 2014, maleicultores enfrentam dificuldades para comercializar a fruta, e têm reduzido as cotações na tentativa de impulsionar os negócios. Em fevereiro, a maçã gala graúda Cat 1 foi vendida em média a R\$ 50,13/cx de 18 kg em Fraiburgo, queda de 23% frente ao mesmo mês de 2014.

Exportações devem avançar em março

As exportações de maçã devem se intensificar a partir de março. Em fevereiro, os envios da fruta foram considerados fracos, principalmente em função dos elevados estoques europeus. Com o embargo russo aos produtos norte-americanos e da UE, anunciado no segundo semestre de 2014, muitos produtores de maçã na Europa redirecionaram suas vendas e elevaram a oferta mundial da fruta. Apesar de ser considerada uma boa oportunidade, maleicultores brasileiros temem a venda de um volume significativo de maçã para a Rússia, por ser um mercado ainda novo e porque produtores temem problemas nos recebimentos. Dessa forma, boa parte da maçã brasileira deve ser embarcada para o Oriente Médio neste ano, apesar da concorrência dos europeus por este mercado. Com relação às importações, estas somaram 3,6 mil toneladas em janeiro, queda de 23,5% em relação a janeiro e, de 40,5% no comparativo com janeiro do ano passado, segundo dados da Secex. A queda dos no volume de frutas trazido do exterior se deve, principalmente, à boa produtividade e qualidade da safra atual do Sul do País. Além disso, o dólar em elevados patamares reduz a competitividade da fruta importada e limita compras no exterior. A União Europeia ainda tem enviado volume significativo de maçã ao Brasil neste início de ano – em fevereiro, a quantidade comprada do bloco europeu foi 78% superior a de mesmo período do ano passado.



Mercado fraco pressiona cotações na Ceagesp

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea



Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



 **SERENADE**



A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na embalagem.
Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO**



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

Por que se preocupar quando você pode prevenir com Forum®?

Forum®

Fungicida



Calendário de Aplicação Forum®

TOMATE	UVA	BATATA
1ª APLICAÇÃO	1ª APLICAÇÃO	1ª APLICAÇÃO
2ª APLICAÇÃO	2ª APLICAÇÃO	2ª APLICAÇÃO
3ª APLICAÇÃO	3ª APLICAÇÃO	3ª APLICAÇÃO
4ª APLICAÇÃO	4ª APLICAÇÃO	4ª APLICAÇÃO

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA nº 01395.

Forum® no preventivo é a confiança de proteger sua lavoura contra requeima e míldio, independente do clima.

- Ação preventiva em batata, tomate e uva.
- Efeito antiesporulante, menor produção de esporos.
- Rápida penetração, reduz o risco de lavagem pela chuva.

0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

150 anos

 **BASF**

We create chemistry

Takayama F1, mais do que líder
de mercado, é líder em confiança.



Abóbora híbrida tetsukabuto

TAKAYAMA F1



TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXYY

Cliente

.....CORREIOS.....

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Abóbora híbrida tetsukabuto

TAKAYAMA F1

- Frutos grandes e uniformes
- Alta produtividade
- Maior espessura de polpa
- Resistências: Foc

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Tel.: 24 2222-9000

Acesse nosso novo portal
www.agristar.com.br



Foc - *Fusarium oxysporum* f.sp. *cucumerinum*

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil